



A Senhora e os destinos da Nação Portuguesa: o caminho de Amato Lusitano e de Duarte Gomes*

António Manuel Lopes Andrade

Universidade de Aveiro

Centro de Línguas e Culturas

A ILLVSTRISSIMA SENHORA DONA GRACIA NASCI

*Sendo o meu primeiro yntêto servir cõ este piqueno
ramo de fruta nova a nossa nação Portuguesa, era justo
offerecelo a Vossa Excelência como ao coração deste
corpo pois nos remedios que aveis dado sentistes e ynda
sentis seus trabalhos mais que algũ outro.*

SAMUEL USQUE, *Consolação às Tribulações de Israel*

A Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste» quis
prestar uma justa homenagem à figura incontornável de Beatriz de

* Na elaboração deste trabalho, nomeadamente na análise do feito-crime movido a Duarte Gomes no Tribunal do Santo Ofício de Lisboa (1542-1544), pudemos contar com a preciosa colaboração de Hugo Miguel Crespo, a quem manifestamos o nosso agradecimento pela transcrição do documento. Assinalamos, aliás, a publicação neste volume dessa mesma transcrição *in extenso*, com um estudo notável centrado sobre o inventário dos bens arrolados a Duarte Gomes, sob o título “O processo da Inquisição de Lisboa contra Duarte Gomes *alias* Salomão Usque: móveis, têxteis e livros na reconstituição da casa de um humanista (1542-1544). *Em torno da guarda-roupa, livraria e mantearia do rei.*”

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projecto de investigação “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano” do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Projecto FCOMP-01-0124-FEDER-009102.

Cadernos de Estudos Sefarditas, n.ºs 10-11, 2011, pp. 87-130.





ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

Luna ou Grácia Naci, por ocasião das comemorações do quinto centenário do seu nascimento, na cidade de Lisboa. Esta comunicação pretende assinalar a celebração desta efeméride, traçando um quadro geral dos caminhos trilhados por duas figuras de proa da Nação Portuguesa – Amato Lusitano e Duarte Gomes –, que pertenceram ao círculo mais restrito da Senhora, como a homenageada ficou conhecida entre os judeus sefarditas, e a acompanharam de perto na longa e tormentosa jornada das suas vidas, desde a cosmopolita cidade de Lisboa até à Península Itálica.

Beatriz de Luna, Amato Lusitano e Duarte Gomes pertencem à primeira geração de cristãos-novos nascida depois da Conversão Geral, em pleno reinado de D. Manuel. Corria o ano de 1510, quando viram pela primeira vez a luz, na capital do Reino, tanto Beatriz de Luna como Duarte Gomes, tendo João Rodrigues (nome de baptismo de Amato Lusitano) nascido apenas um ano depois na então vila de Castelo Branco.

Merecerão uma análise particular da nossa parte dois momentos cruciais no percurso destas três figuras: por um lado, a formação e a saída de Portugal rumo a Antuérpia de Amato Lusitano (1534), Beatriz de Luna (1537) e de Duarte Gomes (1542); por outro, a sua vivência nos anos conturbados da década de 50, em particular nas cidades de Veneza, Ferrara e Ancona.

Beatriz de Luna é descendente de uma família de judeus castelhanos originária de Sória, que se instala em Portugal, no reinado de D. João II, após a expulsão dos judeus de Castela e Aragão, em 1492. O seu casamento com o mercador Francisco Mendes consolida e reforça uma velha aliança entre duas das mais destacadas famílias de judeus castelhanos que se fixaram em Portugal durante o reinado de D. João II: os Naci e os Bienveniste¹.

¹ H. P. SALOMON-A. DI LEONE LEONI, “Mendes, Benveniste, De Luna, Nasci: the State of the Art”: *The Jewish Quarterly Review* 88, n.º 3-4 (January-April, 1998), pp. 135-211, baseados em documentação inédita, fazem o ponto da situação sobre a famosa saga dos





Francisco Mendes estabelece a sua sede em Lisboa, onde exerce uma intensa actividade comercial e financeira nas primeiras décadas de Quinhentos². Diogo Mendes, irmão mais novo de Francisco, estende o negócio da família até ao empório de Antuérpia, onde passa a residir em permanência. Opera, com bastante sucesso, a par das maiores casas comerciais europeias, no disputado mercado das especiarias, fazendo com que a Casa Mendes-Benveniste, a breve trecho, tome nas suas mãos a liderança do Consórcio da Pimenta³.

Mendes-Benveniste-Luna-Naci, desde Portugal até ao Império Otomano, apresentando a complexa árvore genealógica dos vários ramos familiares (pp. 210-211). H. P. SALOMON aborda por duas vezes a questão ainda em aberto das origens da família, nomeadamente dos progenitores de Beatriz de Luna: “A origem dos Mendes-Benveniste”: *Cadernos de Estudos Sefarditas* 5 (2005), pp. 309-312; “Álvaro de Luna *ci-devant* Simuel Naci, o pai de D. Grácia Naci (Beatriz de Luna)”: *Cadernos de Estudos Sefarditas* 8 (2008), pp. 309-312. Sobre a presença dos Mendes-Benveniste-Luna-Naci em Ferrara, veja-se o estudo monumental de A. DI LEONE LEONI, *La Nazione Ebraica Spagnola e Portoghese di Ferrara (1492-1559): I suoi rapporti col governo ducale e la popolazione locale ed i suoi legami con le Nazioni Portoghese di Ancona, Pesaro e Venezia*. Tomo I [-II]. A cura di Laura Graziani Secchieri. Firenze, Leo S. Olschki, 2011, pp. 357-421.

² Segundo V. M. GODINHO [*Os descobrimentos e a economia mundial*. Lisboa, Presença, 1982, vol. III, p. 198], Francisco Mendes ocupa o lugar cimeiro na listagem das “Entregas de Prata de Partes na Casa da Moeda de Lisboa de 1517 a 1556”. No período compreendido entre 1517 e 1534, entregou mais de duas toneladas e meia de prata. É de assinalar que estas entregas serviam de caução à abertura de verdadeiras contas através das quais se faziam transferências ou se procedia a pagamentos. V. RAU [*Estudos sobre história económica e social do antigo regime*. Introdução e organização de José Manuel Garcia. Lisboa, Presença, 1984, pp. 79-82] analisa as entregas de prata de Francisco Mendes na Casa da Moeda de Lisboa, equacionando a importância dos mercadores-banqueiros portugueses, por comparação com os estrangeiros, tanto em Portugal, como nos grandes centros financeiros e comerciais da Europa.

³ Os vários documentos relativos ao processo judicial do mercador cristão-novo António Fernandes constituem uma das melhores fontes de informação sobre a constituição e o funcionamento do Consórcio da Pimenta, que anualmente adquiria à Coroa portuguesa as especiarias e as drogas afro-asiáticas, conforme se pode comprovar em R. VAN ANSWAARDEN, *Les Portugais devant le Grand Conseil des Pays-Bas (1460-1580)*. Paris, Fondation Calouste Gulbenkian – Centre Culturel Portugais, 1991, pp. 259-268. Veja-se, igualmente, V. M. GODINHO, *op. cit.*, vol. III, pp. 210-213. Sobre a importância do eixo Lisboa-Antuérpia na distribuição da especiaria, veja-se o estudo de A. A. MARQUES DE ALMEIDA, *Capi-*





ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

Francisco Mendes morre de forma prematura, em Janeiro de 1535, pouco depois do nascimento da sua única filha. A viúva, Beatriz de Luna, é obrigada a proceder rapidamente ao inventário de bens e às partilhas. À luz da documentação existente, é lícito concluir que D. João III manifestava a pretensão de vir a aceder à imensa fortuna de Francisco Mendes através de um futuro casamento da filha deste com alguém da sua confiança.

Beatriz de Luna, porém, parte para Antuérpia, em 1537, escapando às pressões de que estava a ser vítima e à ameaça do Tribunal do Santo Ofício, que acabava de se estabelecer em Portugal⁴. Viajou num navio inglês especialmente fretado pelo cunhado, Diogo Mendes, o qual fez uma paragem prolongada em Inglaterra antes de alcançar as margens do Escalda. Acompanhavam-na a filha, Ana, a irmã, Brianda de Luna, e os seus dois sobrinhos, Bernardo e João Micas, conhecidos mais tarde pelos nomes de Samuel e Joseph Naci, filhos do célebre doutor Agostinho Henriques, lente de Medicina na Universidade de Lisboa. João Micas, secundado por Beatriz de Luna, sua tia, tomará mais tarde nas suas mãos as rédeas dos negócios da família, primeiro em Antuérpia e, alguns anos mais tarde, em Constantinopla, onde chega em 1554⁵.

tais e Capitalistas no Comércio da Especiaria. O Eixo Lisboa-Antuérpia (1501-1549). Aproximação a um Estudo de Geofinança. Lisboa, Edições Cosmos, 1993.

⁴ Sobre os contornos da viagem de Beatriz de Luna, cf. H. P. SALOMON-A. DI LEONE LEONI, “Mendes, Benveniste, De Luna, Nasci...”, op. cit., pp. 148-151.

⁵ Publicaram-se duas biografias notáveis de João Micas, *alias* Joseph Naci, da autoria de C. ROTH, *The House of Nasi: the Duke of Naxos*. New York, Greenwood Press, 1971, e de P. GRUNEBaum-BALLIN, *Joseph Naci duc de Naxos*. Paris, Mouton, 1968. Já em relação a Beatriz de Luna, *alias* Grácia Naci, importa assinalar os livros de C. ROTH, *Doña Grácia Nasi*. Traduit de l'anglais par Claude Bonnafont. Préface de Catherine Clément. Paris, Liana Levi, 1990; A. A. BROOKS, *The Woman who Defied Kings: the Life and Times of Doña Grácia Nasi – a Jewish Leader during the Renaissance*. St. Paul, Paragon House, 2003; M. BIRNBAUM, *A longa viagem de Grácia Mendes*. Lisboa, Edições 70, 2005; E. MUCZNIK, *Grácia Nasi*. Lisboa, A Esfera dos Livros, 2010.





* * *

Duarte Gomes⁶ nasce, no ano de 1510, no seio de uma proeminente família de cristãos-novos, que estava estabelecida na cosmopolita e populosa cidade de Lisboa. De entre os quatro filhos de Agnes Gomes e de Gonçalo Fernandes, sabe-se que três deles – os irmãos Duarte Gomes, Tomás Gomes e Guilherme Fernandes – desempenharam funções de mais elevada confiança ao serviço da Casa Mendes-Benveniste⁷.

Amato Lusitano⁸ vê a luz do dia, pela primeira vez, no ano de 1511, na vila de Castelo Branco, sendo filho de uma irmã do mercador eborense Henrique Pires⁹, pai do talentoso poeta novilatino

⁶ Ao longo dos últimos anos, temos vindo a dedicar a nossa atenção à figura fascinante de Duarte Gomes através da publicação de vários estudos: a) A. M. L. ANDRADE, “A figura de Salomão Usque: a face oculta do humanismo judaico-português”: M. GONÇALVES *et alii* (orgs.), *Gramática e Humanismo. Actas do Colóquio de Homenagem a Amadeu Torres*. Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia, 2005, vol. II, pp. 15-25; b) “Os Senhores do Desterro de Portugal: Judeus Portugueses em Veneza e Ferrara em meados do século XVI”: *Veredas, Revista da Associação Internacional de Lusitanistas* 6 (2006), pp. 65-108; c) ‘GOMES, Duarte’: *Dizionario storico dell’Inquisizione*, diretto da Adriano Prosperi con la collaborazione di Vincenzo Lavenia e John Tedeschi. Pisa, Edizioni della Normale, 2010, vol. II, pp. 720-722; d) “From Lisbon to Venice: the Trials and Tribulations of the New Christian Duarte Gomes”: *Hispanic Research Journal* 13, n.º 1 (February 2012), pp. 55-70.

⁷ A. DI LEONE LEONI, *The Hebrew Portuguese Nations in Antwerp and London at the Time of Charles V and Henry VIII: New Documents and Interpretations*. Jersey City, Ktav, 2005, p. 93.

⁸ Para uma análise pormenorizada da constituição e das actividades da família Pires-Cohen, a que Amato Lusitano pertence, veja-se a nossa dissertação de doutoramento: A. M. L. ANDRADE, *O Cato Minor de Diogo Pires e a Poesia Didáctica do séc. XVI*. Aveiro, Universidade de Aveiro – Departamento de Línguas e Culturas, 2005 (em curso de publicação na Imprensa Nacional-Casa da Moeda), cuja primeira parte (pp. 1-134) traça um esboço biográfico de Diogo Pires e da sua família.

⁹ Sobre a acção determinante desta figura destacada da Nação Portuguesa, cf. A. M. L. ANDRADE, ‘PIRES, Henrique’: *Dizionario storico dell’Inquisizione*, diretto da Adriano Prosperi con la collaborazione di Vincenzo Lavenia e John Tedeschi. Pisa, Edizioni della Normale, 2010, vol. III, p. 1225; IDEM, “Ciência, Negócio e Religião: Amato Lusitano em Antuérpia”: INÊS DE ORNELLAS E CASTRO – VANDA ANASTÁCIO (coord.), *Revisitar os Saberes – Referências Clássicas na Cultura Portuguesa do Renascimento à Época Moderna*. Lisboa, Centro de Estudos Clássicos – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 9-49; A. DI LEONE LEONI, *La Nazione Ebraica Spagnola e Portoghese di Ferrara (1492-1559)*, op. cit, pp. 289-293.





ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

Diogo Pires e membro destacado do Consórcio da Pimenta, cujos membros estão estabelecidos nos dois pontos extremos do eixo Lisboa-Antuérpia.

Nas primeiras décadas de Quinhentos, os jovens portugueses que prosseguiram os seus estudos, faziam-no, em geral, na Universidade de Lisboa, embora muitos frequentassem também universidades estrangeiras, entre as quais ocupava um lugar destacado o Estudo de Salamanca. A esta instituição afluíram numerosos estudantes portugueses, entre eles muitos cristãos-novos, atraídos pela fama dos estudos salmanticenses e pela proximidade de Salamanca, sobretudo para aqueles que viviam perto da fronteira espanhola, já que Lisboa distava tanto ou mais¹⁰.

Amato Lusitano¹¹ e Duarte Gomes¹² frequentaram a consagrada instituição espanhola, como comprovam, quer os próprios registos do Arquivo da Universidade de Salamanca, quer a existência de cópias certificadas dos vários diplomas académicos obtidos por Duarte Gomes, que se encontram apenas ao processo movido contra ele, em 1568, pelo Tribunal do S. Uffizio di Venezia¹³. É assim possível saber que Duarte Gomes obteve, com apenas dezoito anos, o grau de bacharel em Artes e Filosofia, no dia 10 de Março de 1529, diante do célebre teólogo lusitano Pedro Margalho. Possuía então os requisitos necessários para prosseguir os seus estudos em Medicina, que iniciou sem demora, já que, quatro anos volvidos, no dia 24 de Abril de 1532, estava a prestar as provas conducentes ao bacharelato em Medicina, perante o também português

¹⁰ No que respeita à frequência do Estudo de Salamanca por estudantes portugueses na primeira metade de Quinhentos, cf. J. V. SERRÃO, *Portugueses no Estudo de Salamanca (1200-1550)*. Lisboa, 1962, pp. 89-150.

¹¹ Archivo Universitario de Salamanca, lib. 542, fls. 88-89. Cf. T. SANTANDER, *Escuelas médicas en Salamanca: (siglo XVI)*. Salamanca, 1984, pp. 64-65 e 322-324, registo n.º 2714.

¹² Archivo Universitario de Salamanca, lib. 543, fl. 9v. Cf. T. SANTANDER, op. cit., p. 175, registo n.º 1132.

¹³ P. C. IOLY ZORATTINI (a cura di), *Processi del S. Uffizio di Venezia contro Ebrei e Giudaizzanti (1561-1570)*. Firenze, Leo S. Olschki, 1982, vol. II, pp. 74-76.





doutor Agostinho Lopes, uma das figuras marcantes do Estudo de Salamanca.

A definição exacta dos anos em que Amato Lusitano estudou em Salamanca tem sido motivo de alguma controvérsia¹⁴. A questão, porém, foi definitivamente resolvida por Teresa Santander, antiga directora do Arquivo da Universidade de Salamanca, ao comprovar que o famoso médico de Castelo Branco, em 18 de Março de 1532, concluiu com sucesso quatro cursos de Medicina dos anos 1528-1531, obtendo o grau de bacharel em Medicina, no dia 19 de Março de 1532, com o mesmo doutor Agostinho Lopes. De facto, os estudos de Amato coincidem no tempo com os do seu compatriota Duarte Gomes, tendo ambos obtido o bacharelato em Medicina com pouco mais de um mês de intervalo.

Os jovens cristãos-novos portugueses formados em Salamanca contribuíram de modo decisivo para a constituição e renovação do movimento humanista português. Amato Lusitano e Duarte Gomes integram um grupo excepcional de escolares portugueses de ascendência hebraica, cujo percurso académico é, em grande medida, comum tanto nas matérias cursadas (Artes e Medicina) como no período em que decorreram os estudos. Trata-se de um leque de verdadeiros humanistas que adquirem, em conjunto, uma formação a todos os títulos excepcional, como os seus percursos individuais, quer em Portugal, quer na diáspora sefardita, podem comprovar: Amato Lusitano, António Luís, Diogo Pires, Duarte Gomes, Luís Nunes de Santarém, Manuel Lindo, Manuel Reinel¹⁵ e Tomás Rodrigues da Veiga.

¹⁴ Sobre as diferentes conjecturas que se fizeram sobre a questão, cf. M. LEMOS, “Amato Lusitano – novas investigações”: *Arquivos de História da Medicina Portuguesa* 6 (1915), pp. 1-5; J. V. SERRÃO, *op. cit.*, pp. 238-243.

¹⁵ Para uma análise do atribulado percurso trilhado pela família do licenciado Manuel Reinel, cf. A. M. L. ANDRADE, “De Ferrara a Lisboa: tribulações do cristão-novo Alexandre Reinel, preso no cárcere do Santo Ofício”: *Cadernos de Estudos Sefarditas* 7 (2007), pp. 88-131.





ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

Terminados os estudos em Salamanca, quase todos retornaram a Portugal, entre os anos de 1532 e 1533. O regresso, porém, ocorre num momento bastante crítico em que já se travavam na Cúria romana as longas e duras negociações entre os representantes de D. João III, do Papa e dos Cristãos-Novos portugueses. Estes últimos tudo fizeram, não poupando esforços nem dinheiro, para impedir o estabelecimento da Inquisição em Portugal. E, de facto, conseguiram-no durante alguns anos. Ao longe, todavia, começavam a vislumbrar-se as negras sombras do Tribunal do Santo Ofício, mas a esperança ainda não tinha morrido em definitivo para estes jovens empreendedores que retornavam dispostos a cumprir os seus projectos de realização pessoal e profissional.

Duarte Gomes e muitos dos colegas de Salamanca desejavam prosseguir os estudos e, acima de tudo, ingressar como docentes na Universidade de Lisboa¹⁶. Acabam por se reencontrar na capital do Reino, onde travam uma dura competição por um lugar efectivo no Estudo Geral de Lisboa. Assim, no dia 31 de Janeiro de 1534, o bacharel Duarte Gomes obtém o grau de Licenciado em Medicina; no dia 9 de Novembro desse mesmo ano, leva de vencida o disputadíssimo concurso da cadeira de Artes, que pertencera ao famoso médico e botânico Garcia de Orta até à sua partida para a Índia, tendo por oponentes, entre outros, António Luís, Manuel Lindo e Manuel Reinel¹⁷.

Um dos momentos mais altos da carreira académica de Duarte

¹⁶ Sobre a formação humanística de Duarte Gomes e o seu magistério na Universidade de Lisboa, cf. A. M. L. ANDRADE, “A figura de Salomão Usque...”, *op. cit.*, pp. 15-25.

¹⁷ O médico Luís Pires, em carta dirigida a Jerónimo Cardoso (“Em Évora, no sexto dia dos quantíssimos Idos de Agosto”), afirma que corria o boato de que a cadeira de Oratória tinha sido atribuída a Duarte Gomes. É muito provável que se trate deste mesmo lugar, pois a cadeira de Artes foi posta a concurso precisamente no dia 12 de Agosto de 1534. Cf. Jerónimo CARDOSO, *Obra Literária*. Tomo I. Prosa Latina. Estabelecimento do texto latino, introdução, tradução e comentário de Telmo Corujo dos Reis. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, pp. 216-217 (*Portugaliae Monumenta Neolatina*, vol. VII).





Gomes tem lugar no dia 1 de Outubro de 1535, quando foi convidado para proferir publicamente a Oração de Sapiência na abertura do novo ano lectivo. A escolha de Duarte Gomes para proferir esta oração, numa altura em que contava apenas vinte e cinco anos, constitui uma das maiores distinções que alguém podia obter tanto na carreira académica como fora dela. O jovem cristão-novo permaneceu na Universidade de Lisboa, na qualidade de lente de prima de Artes, até ao momento em que esta foi transferida para Coimbra, em 1537, por ordem de D. João III.

Duarte Gomes casou ainda na capital portuguesa com uma filha do livreiro João Fernandes, chamada Clara, de quem viria a ter vários filhos. Viviam nas proximidades da Igreja da Madalena, segundo ele próprio declara no primeiro dos dois processos que o Tribunal do S. Uffizio di Venezia lhe moveu, em 1555¹⁸. Alguns anos mais tarde, Henrique Nunes, *alias* Abraham Benveniste, no depoimento prestado no dia 8 de Março de 1583, no Tribunal do Santo Ofício de Lisboa, atribui o nome hebraico de David Zaboca a Duarte Gomes e confirma que este havia abandonado Lisboa já casado com uma das filhas de João Fernandes, *alias* Samuel Picho, que em Ferrara vivia publicamente como judeu¹⁹.

Nos primeiros anos da década de trinta, a questão judaica ganhava cada vez mais centralidade no plano político, religioso e económico. O confronto tenaz de posições antagónicas, que se

¹⁸ Ambos os processos inquisitoriais instaurados a Duarte Gomes no Tribunal do Santo Ofício de Veneza foram publicados *in extenso* por P. C. IOLY ZORATTINI (a cura di), *Processi del S. Uffizio di Venezia contro Ebrei e Giudaizzanti (1548-1560)*. Firenze, Leo S. Olschki Editore, 1980, vol. I, pp. 225-247: processo contra Duarte Gomes (1555); IDEM, *Processi del S. Uffizio di Venezia contro Ebrei e Giudaizzanti (1561-1570)*. Firenze, Leo S. Olschki Editore, 1982, vol. II, pp. 67-96: processo contra Agostinho Henriques e Duarte Gomes (1568).

¹⁹ DGARQ/ANTI, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, processo n.º 2931, fl. 79v. Cf. P. C. IOLY ZORATTINI (a cura di), *Processi del S. Uffizio di Venezia contro Ebrei e Giudaizzanti (1570-1572)*. Firenze, Leo S. Olschki Editore, 1984, vol. III, p. 271.





ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

revelaram totalmente inconciliáveis, gerou um conjunto de ondas de choque fortíssimas que varreu de lés a lés a sociedade portuguesa e pôs a nu uma fractura profunda que durante séculos haveria de dividir o país. As negociações na Cúria romana para o estabelecimento da Inquisição em Portugal não corriam de feição para os cristãos-novos, e antevia-se, a curto prazo, um desfecho desfavorável no longo e conturbado processo, tanto mais que a máquina inquisitorial começava a dar os primeiros passos antes de 1536, ainda incipientes, é certo, mas já bem reveladores do futuro sombrio que se avizinhava²⁰.

O estabelecimento da Inquisição e a transferência da Universidade para Coimbra correspondem, no fundo, à concretização da vontade de D. João III. Mas estas duas iniciativas régias acarretaram graves e profundas consequências, tanto para o país, quanto para a comunidade judaico-portuguesa. Uma parte substancial do saber e da riqueza nacional acompanha os inúmeros cristãos-novos que rumam a Antuérpia ao longo da década de trinta e quarenta²¹. Os vários colegas de Amato Lusitano e de Duarte Gomes, que tomam a decisão de abandonar o país, constituem precisamente alguns dos mais notáveis “Senhores do Desterro de Portugal”, para usar as palavras de Samuel Usque. Na verdade, Amato Lusitano (1534), Diogo Pires (1535), Duarte Gomes (1542), Luís Nunes de Santarém (1544) e Manuel Reinel (1544), em poucos anos, todos eles,

²⁰ Sobre o processo do estabelecimento da Inquisição em Portugal, veja-se o trabalho de GIUSEPPE MARCOCCI, *I custodi dell'ortodossia. Inquisizione e Chiesa nel Portogallo del Cinquecento* (“Tribunale della fede”. Serie diretta da Adriano Prosperi). Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 2004, em particular o capítulo intitulado “Gli albori del Tribunale del Sant’Uffizio”, pp. 31-86.

²¹ Sobre o relevo da comunidade judaica portuguesa na economia nacional e internacional, desde o início das operações comerciais na costa africana, ainda no século XV, até ao seu posterior envolvimento no negócio das especiarias, veja-se a síntese de A. A. MARQUES DE ALMEIDA, “O Zangão e o Mel. Uma metáfora sobre a diáspora sefardita e a formação das elites financeiras na Europa (séculos XV a XVII)”: *Oceanos* 29 (Janeiro/Março 1997), pp. 25-35.





seguem os penosos caminhos do desterro rumo ao empório de Antuérpia²².

Nas primeiras décadas de Quinhentos, a comunidade judaico-portuguesa de Antuérpia é constituída, na sua maioria, por homens de negócios e respectivas famílias que, desde o dealbar do século, foram atraídos pelas novas oportunidades e pela relativa liberdade de que aí podiam desfrutar, longe das incertezas e dos riscos que corriam em Portugal. À medida que as condições se vão agravando para os cristãos-novos, em particular durante o reinado de D. João III, assim cresce o fluxo migratório para a Flandres, ainda que de forma ilegal, à luz da legislação que proibia os cristãos-novos de saírem do país com as suas famílias e bens.

Amato Lusitano é o primeiro elemento do referido grupo de estudantes cristãos-novos a partir para Antuérpia, depois de ter exercido clínica em Portugal durante algum tempo, após o regresso de Salamanca. O mercador Henrique Pires, tio materno do médico albicastrense, tinha seguramente conhecimento do evoluir das negociações para o estabelecimento do Tribunal do Santo Ofício em Portugal e do enorme perigo que constituía para si e para os seus permanecer no país. Compreendem-se, pois, as razões subjacentes à ordem indiscutível que deu, primeiro, ao sobrinho (João Rodrigues de Castelo Branco) e, poucos meses depois, ao próprio filho (Diogo Pires), para abandonarem, sem demora, Portugal.

Deste modo, João Rodrigues de Castelo Branco abandona o Reino rumo a Antuérpia, pouco antes do estabelecimento da Inquisição em Portugal, no cumprimento de ordens expressas recebidas do tio materno, o mercador Henrique Pires. Já em Antuérpia, em representação do tio, Amato Lusitano junta-se ao seu primo Estêvão Pires, em casa de quem se aloja, e toma parte activa no negócio

²² Sobre as actividades (literárias, culturais, religiosas e comerciais) desenvolvidas por estes reputados humanistas portugueses – “Os Senhores do Desterro de Portugal” –, aos quais é forçoso acrescentar Duarte Pinel, *alias* Abraão Usque, e Samuel Usque, cf. A. M. L. ANDRADE, “Os Senhores do Desterro de Portugal...”, *op. cit.*, pp. 65-108.





ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

da família (comércio internacional de especiarias, drogas, simples e outras mercadorias), sem nunca descurar o exercício e a investigação na Arte de Galeno. Datam precisamente desta fase os primeiros comentários do médico português ao tratado grego *De materia medica* de Dioscórides. O primeiro livro do médico albicastrense – *Index Dioscoridis* –, o único que ostenta o seu nome de baptismo, João Rodrigues de Castelo Branco, foi publicado, em 1536, em Antuérpia²³.

Mestre João Rodrigues chega a Antuérpia, pouco antes de Outubro de 1534, quando ainda estava na memória de todos o processo de Diogo Mendes (1532) e decorria o de António Fernandes²⁴, que continuava detido. À chegada, reencontra o primo Estêvão Pires, que era dado como associado de António Fernandes no Consórcio da Pimenta. É neste contexto que Mestre João Rodrigues, recém-chegado de Portugal, é preso juntamente com o primo, acusado de ser cristão-novo e de permanecer ilegalmente em Antuérpia, desrespeitando as disposições legais decretadas por Carlos V, em Agosto de 1532, que proibiam a emigração de cristãos-novos portugueses para os Países Baixos²⁵. O médico albicastrense alegou, em sua defesa, que estava ao serviço do mercador Henrique Pires e “que ele, por ser da família do seu tio, podia e devia gozar do conteúdo da patente do mesmo, pelo qual o mesmo

²³ AMATO LUSITANO, INDEX DIOSCORIDIS. | En candide Lector. | HISTORIALES DI- | oscoridis campi, Exegemataque sim- | plicium, atque eorundem Collationes | cum his quae in officinis habentur, ne | dum medicis et Myropolio= | rum Seplasiarijs, sed Bona= | rum literarum studio | sissimis perquam | necessarium | opus. | IOANNE RODERICO CASTE | li albi Lusitano autore. | EXCVDEBAT ANTVERPIAE VI- | dua Martini Caesaris. M.D.XXXVI.

²⁴ Em Junho de 1534, António Fernandes foi transferido para a prisão de Vilvorde, onde ainda se encontrava no dia 2 de Setembro de 1535. Só em Maio do ano seguinte a acusação contra o mercador português é considerada improcedente. Cf. R. VAN ANSWAARDEN, *op. cit.*, p. 260.

²⁵ Veja-se a transcrição da referida ordenação imperial, datada de 14 de Agosto de 1532, em P.-M.-N.-J. GÉNARD, “Personen te Antwerpen in de XVIe eeuw, voor het «feit van religie» gerechtelijk vervolgd. Lijst en ambtelijke bijhorige stukken”: *Antwerpsch Archiefblad/Bulletin des Archives d’Anvers* 7 (s. d., circa 1870), pp. 236-237.





e sua família são autorizados a frequentar este país”. A semelhança de vários outros cristãos-novos processados nos anos anteriores, João Rodrigues acaba por ser ilibado de todas as acusações no mês de Janeiro de 1535²⁶.

A presença de Duarte Gomes e da família em Antuérpia já estava comprovada, inequivocamente, por documentação portuguesa, belga e italiana. A este propósito, devem ser mencionadas as declarações prestadas, no Tribunal do Santo Ofício de Lisboa, por Luís Franco, um cristão-novo regressado a Portugal desde Ferrara²⁷. Do mesmo modo, no segundo processo veneziano instaurado ao mercador português, em 1568, o mercador florentino Lorenzo Guicciardini declarou ter conhecido Duarte Gomes, muitos anos antes, na cidade de Antuérpia²⁸. E, por último, temos confirmação inequívoca de que Duarte Gomes já estava ao serviço de Beatriz de Luna, pelo menos em 1544, já que aparece descrito num documento belga, datado desse ano, como administrador da Casa do recém-falecido Diogo Mendes²⁹.

Não obstante todas estas indicações, não havia dados seguros, até agora, sobre o momento e as circunstâncias da partida de Duarte Gomes de Lisboa para Antuérpia, onde se estabeleceu, nos primeiros anos da década de quarenta, ao serviço da família

²⁶ Dedicámos, recentemente, dois trabalhos ao estudo pormenorizado do processo movido a Mestre João Rodrigues e a Estêvão Pires, com apresentação da transcrição integral da documentação em neerlandês e respectiva tradução portuguesa: a) A. M. L. ANDRADE, “As tribulações de Mestre João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano) à chegada a Antuérpia, em 1534, em representação do mercador Henrique Pires, seu tio materno”: *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao séc. XXI – Cadernos de Cultura* 23 (2009), pp. 7-14; b) “Ciência, Negócio e Religião: Amato Lusitano em Antuérpia”: *op. cit.*, pp. 9-49.

²⁷ DGARQ/ANTT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, Liv. 56, fls. 302v-306v – “denúnciação contra certos judeus de ferrara”.

²⁸ Cf. P. C. IOLY ZORATTINI, *Processi (1561-1570)*, vol. II, *op. cit.*, pp. 85-6.

²⁹ Cf. A. DI LEONE LEONI, *The Hebrew Portuguese Nations...*, *op. cit.*, p. 93.





ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

Mendes-Benveniste. Tivemos, porém, a sorte de localizar um documento, nunca antes estudado, a que daremos de seguida a nossa particular atenção³⁰. Trata-se de um valioso processo inquisitorial instaurado ao próprio Duarte Gomes, que abandona Portugal com a família, apressadamente, enquanto decorriam as diligências ordenadas pelo Tribunal do Santo Ofício de Lisboa³¹.

Nos primeiros anos, a Inquisição começou por estar circunscrita aos tribunais de Évora e de Lisboa e não revelou o grau de eficácia que veio a alcançar mais tarde, em razão das debilidades estruturais e das limitações várias a que a sua actuação estava sujeita. A assunção do cargo de inquisidor-geral por parte do Infante D. Henrique, em meados de 1539, constituiu um marco de viragem, porque contribuiu decisivamente, tanto para a consolidação dos alicerces da organização, como para o reforço e alargamento do raio de acção do Santo Ofício³².

Não tardou muito que os cristãos-novos assistissem, decerto com um misto de incredulidade e terror, à celebração do primeiro auto-da-fé, em Lisboa, no dia 20 de Setembro de 1540, a que se seguiu o segundo, no mês de Outubro de 1541. Os dias vindouros não se anteviam nada fáceis para os cristãos-novos, pelo que um número crescente vai tomando a penosa decisão de abandonar Por-

³⁰ Apresentámos um primeiro estudo deste feito-crime de Duarte Gomes no Colóquio *Negotiating Power in the Literature of the Iberian Inquisitions: Courts, Crowns, and Creeds* (co-organizado por Catarina Fouto e por Tyler Fisher), realizado na Universidade de Oxford (Exeter College), no dia 15 de Março de 2010, a partir do qual resultou o artigo “From Lisbon to Venice: the Trials and Tribulations of the New Christian Duarte Gomes”: *Hispanic Research Journal* 13, n.º 1 (February 2012), pp. 55-70. A análise que aqui se apresenta do feito-crime instaurado a Duarte Gomes muito fica a dever, evidentemente, a esse trabalho anterior.

³¹ DGARQ/ANTI, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, Processo 12784 (MF 5500, item 13). A transcrição diplomática dos excertos apresentados neste artigo é da autoria de Hugo Miguel Crespo e foi realizada no respeito das regras de transcrição e edição preconizadas por Eduardo Borges Nunes.

³² Cf. G. MARCOCCI, *op. cit.*, pp. 65-7.





tugal, quase sempre por mar, com destino sobretudo ao empório de Antuérpia.

É nestas circunstâncias assaz gravosas que Duarte Gomes toma a decisão de fugir do país com alguns membros da sua família, no final de 1542, depois de ter sido apanhado nas malhas da Inquisição. Os factos que conduziram à denúncia de Duarte Gomes no Tribunal do Santo Ofício de Lisboa estão directamente relacionados com a realização, nessa cidade, do terceiro auto-da-fé, cujo cadafalso foi construído na Ribeira, durante o mês de Outubro de 1542.

Pouco depois deste auto-da-fé, João de Barros compunha o seu tratado de apologética anti-judaica intitulado *Diálogo Evangélico sobre os Artigos da Fé contra o Talmud dos Judeus*, onde revela, de alguma forma, ser partidário da via do diálogo com os cristãos-novos, em detrimento da via da repressão³³. O caminho, porém, estava traçado: a linha mais dura dominava, embora ainda se fizessem ouvir algumas vozes dissonantes, como as de João de Barros, Francisco Machado, Nicolau Clenardo, Damião de Góis, Pêro Álvares ou, até, a de D. Martinho de Portugal³⁴. Não é de estranhar, por isso, que o *Diálogo Evangélico*, pese embora tenha sido dedicado ao próprio D. Henrique, nunca tenha sido publicado.

Tracemos, em linhas gerais, o fio dos acontecimentos, à luz do feito-crime instaurado ao licenciado Duarte Gomes. Nos primeiros dias de Novembro de 1542, uma escrava do réu, chamada Helena, apresentou-se diante dos inquisidores e prestou declarações bastante comprometedoras. Afirmou que Duarte Gomes determinara deixar o país com a mulher, os filhos e uma tia, rumo a Antuérpia, mas que o seu senhor, embora já estivesse de saída com a fazenda

³³ Veja-se a “Introdução” de I. S. RÉVAH (pp. LXIX-LXXVI) à obra de João de BARROS, *Diálogo Evangélico sobre os Artigos da Fé contra o Talmud dos Judeus*. Manuscrito inédito de João de Barros. Introdução e notas de I. S. Révah. Lisboa, Livraria Studium, 1950.

³⁴ Cf. G. MARCOCCI, *op. cit.*, pp. 77-80; IDEM, “Gli umanisti italiani e l’impero portoghese: una interpretazione della *Fides, Religio, Moresque Aethiopum* di Damião de Góis”: *Rinascimento – Rivista dell’Istituto Nazionale di Studi sul Rinascimento* 45 (2006), pp. 360-364.





ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

embarcada, tomara a decisão de tornar a casa, quando começaram a montar o cadafalso em Outubro, tendo dissimulado a partida. A escrava acrescentou que, depois de terem feito o auto e queimado os cristãos-novos, Clara Nunes, a sua senhora, lhe dera ordem para levar uma selha com água suja à Ribeira e, nessa mesma ocasião, Duarte Gomes lhe pedira que, no regresso, trouxesse na mesma selha “Çimza das fugueiras omde queymarão *Aquela* gemte”.

Item Elena esprava [sic] preta Catiua do *Licenciado Duarte Gomez* fisyco *christão-nouo* que viue em esta Çidade de Lixboa em hũu beco que vay do Poço de Fotea pera a Rua Noua *testemunha* perguntada por o Juramento dos Avamgelhos se sabya algũa *peessoa* ou *peessoas* que disessem ou fizesem algũa Cousa comtr'a nosa samcta ffee Catholica dise ella *testemunha* que nom sabya outra Cousa somente que Antes que se ora fizese o cadafalso na Ribeira desta Çidade que se fez este mes pasado de Oytubro o dito seu *senhor* que he o *Licenciado Duarte Gomez* tinha determinado de se hyr Com sua molher e seus filhos e toda A Casa e com hũua sua tia que tinha em casa que se chama Graça da Costa / e que dizião que se hyão pera Frandes / e que tinham Jaa seu fato embarcado em hũu Nauio e que nisto começarão a fazer o Cadafalso e que emtão o dito seu *senhor* se tornara pera Casa e disimulara Com a Jda e mandara comprar Çertos sacos de trigo tres ou quatro / E que neste meyo tempo fizerão o Auto e queymarão hos *christãos-nouos* na Ribeira E que a molher do dito seu *senhor* que se chama Clara Nunez lhe mandara que leuase a Ribeira Ao mar a selha Com Agoa que tinha suyja [sic]. E que o dito seu *senhor* em ella *testemunha* sayndo Com A selha pera a levar a Ribeira que saya na casa de fora onde estaua o dito seu *senhor* / E que o dito seu *senhor* lhe disera A ella *testemunha* que pojs hya a Ribeira que trouxese na dita selha da Çimza das fugueiras omde queymarão *Aquela* gemte e que emtão ella *testemunha* fora levar A dita Agoa da selha a Ribeira e que la depois de ter deytada A agoa No maar / ella *testemunha* perguntara a hũu homem que Nom Conheçe se era pecado levar pera Çasa [sic] da Çimza daquelas fugueiras omde queymarão os ditos homens E que o dito homem que ella *testemunha* nom Conheceu lhe disera que sy que era pecado que A nom leuase e que emtão ella *testemunha* a nom leuara (fl. 16v)

Na sequência desta denúncia, Duarte Gomes passa a estar sob a vigilância apertada do Tribunal do Santo Ofício de Lisboa, sendo





chamado a prestar depoimento diante do doutor João de Melo e Castro, no dia 7 de Novembro de 1542. É significativo o facto de Duarte Gomes ter feito notar, durante o interrogatório, as suas relações muito próximas com D. Martinho de Portugal, arcebispo do Funchal, que o aconselhou a não abandonar o país, com a promessa de tudo fazer para o prover no Reino e de interceder a favor dele, nesse sentido, junto de D. João III.

e perguntado em que navio hia ele Licenciado pera Emues [sic] dise que ho nome do mestre lhe esqueçe somente que era da Ilha da Madeira e se chama Marquez e a nao em que elle Licenciado ouvera de hir e posera seu fato se chamaua Santa Maria da Vitoria e que ysto auera dous meses e meyo pouco mais ou menos que estaua com a dita determijnação e seu fato Jr metido na dita não [sic] / E que estando ele Licenciado com esta determijnação de se hir como dito tem dera diso comta ao senhor arcebispo do Funchall dom Martinho e que o dito arcebispo lhe disera que ho deixase de fazer / fl. 14v. / por emtão e que elle lhe prometya de lhe aver neste regno com quem se podese manter honrradamente porque ho darja [saber] a el Rej noso senhor e o ajudaria com tudo o que elle podese / e por estas promesas do dito Arcebispo se desujou da dita sua determijnação (fl. 14r-v)

Convém assinalar que, em 1544, o capelão de D. Martinho, Nuno Fernandes do Cano publicou uma das raras traduções para vernáculo (de Latim para Castelhana) de um livro do Antigo Testamento: o Livro dos Provérbios de Salomão³⁵. Uma outra tradução (de Latim para Português), do Livro de Eclesiastes, da autoria de Damião de Góis (1538), desconhecida até há pouco, foi encontrada na Biblioteca do Colégio All Souls da Universidade de Oxford e editada por Thomas F. Earle³⁶.

O depoimento de Duarte Gomes não condiz com o da escrava,

³⁵ *Aqui comiença los prouerbios de Salomõ y espejo de peccadores nuenam□ te traduzidos de latim en lēgua Castellana por Nuño fernández do cano [...]. [En Lixboa, en casa de Luis rodriguez, 1544].*

³⁶ Damião de GÓIS, *O Livro de Eclesiastes*. Reprodução em fac-símile da edição de Stevão Sabio (Veneza, 1538). Edição crítica e introdução de T. F. Earle. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.





ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

já que ambos têm, em vários aspectos, uma versão muito diferente dos acontecimentos. O depoente alegou que a sua escrava andara fugida de casa durante mais de dois meses; que a apanhara a roubar, depois de aquela ter regressado, e a pusera a ferros; e que, em razão disso, a tentara em vão embarcar para Sevilha. Duarte Gomes relatou, ainda, que fora vítima de chantagem por parte da escrava, a qual queria obter a liberdade em troca da informação de “*que sabia que elle Licenciado e qujnze pessoas da Rua Noua estauam espritos no liuro da Santa Jnquisição entre os quais estaua tambem Nuno Anrriquez*”³⁷.

E dise mais o dito *Licenciado* que era *Verdade* que estando elle com a dita determjnção de se hír *pera Emues* [sic]. a dita Helena sua escraua lhe fugira de casa. e andou asy fugida auera ora dous meses e m̄yo pouco mais ou menos e dahy aos ditos *quinze dias* tornara a casa de hũ *Péro Thome* *compadre* delle dito *Licenciado* a Rogar-lhe que a trouxese a casa de seu *senhor pera que* lhe não fezese *mall / e* por Rogos do dito seu *compadre* elle *Lecenciado* recebeo a dita Helena escraua *em casa e sem* lhe fazer *mall njhũ*. E depois de vinda asj a casa a dita escraua furtara algũas cosas [sic] de casa *ssãliat* dous *lencões e hũa camjsa e hũ saynho e outras cosas* [sic] *meudas / e* que auera ora *trinta e cinco dias* pouco mais ou menos que a dita escraua disera a elle dito *Licenciado que se /fl. 15/* elle a queria forrar e[[lla]] lhe diria *cousa com* que salvar-se a sy e a ssua casa e *emtam* elle *Licenciado* lhe disera *que sy forrarja que* lhe disese e que a dita escraua lhe disera / *que sabia que elle Licenciado e qujnze pessoas da Rua Noua estauam espritos no liuro da Santa Jnquisição entre os quais estaua tambem Nuno Anrriquez e elle Licenciado* lhe perguntara como ho sabia e ella lhe disera *que* de hũ mulato seu amjgo *que* hia ao paço. / e ainda

³⁷ Os irmãos Nuno Henriques (Seneor Benveniste) e Henrique Nunes (Meir Benveniste) são dois importantes mercadores cristãos-novos de um ramo da família Benveniste. Ambos integram o Consórcio da Pimenta e deixam também Portugal, rumo a Antuérpia, nos primeiros anos da década de 40. A fuga de Nuno Henriques ficou a dever-se a um grave diferendo com o próprio D. João III, motivado por acusações de envolvimento na causa dos cristãos-novos, nomeadamente através do suporte a diligências efectuadas por agentes dos mesmos na Cúria romana. Sobre as actividades deste ramo da família Benveniste, cf. A. DI LEONE LEONI, *La Nazione Ebraica Spagnola e Portoghese di Ferrara (1492-1559)*, *op. cit.*, pp. 403-421.





diser' a dita escraua a elle *Licenciado* que honde se esto deria [sic] / e que pois lhe ela daua este aviso *nam era muito que a forrase* (fls. 14v-15r)

Muito estranhamente, os inquisidores não concederam relevância ao episódio incriminador da recolha das cinzas, relatado tão-só pela escrava. Pelo menos, não foi referido na única sessão de perguntas em que Duarte Gomes esteve presente. Ainda assim, ordenaram ao réu que fizesse prova de que a escrava estava viva e de boa saúde e, além disso, que se abstinésse de a enviar para Castela, como dizia ser intenção dele. Não será descabido supor, a nosso ver, que alguém das relações próximas do réu – quiçá da sua própria família – tenha sido condenado à morte no auto-da-fé.

E que oje ate elle *Licenciado* sayr de casa a dita escraua ficara em sua casa e com proposito / de a mandar [a] camjnho de Castela e Ja sobre yso falara com hūs castelhanos de Trosilho que andaram nesta cidade e que *nam* sabe se polla ventura a leuariam Ja des que elle *Licenciado* se ueyo de sua casa / E visto tudo o que asj tem dito. o dito *Licenciado* / e açima Relatado e dito / o dito *senhor J[n]quisidor* lhe mandou a elle *Licenciado* que elle *nam* faça ao presente nada da dita escraua / ate lhe ser dado liçença pera yso. e seja ate uer mandado algũa parte ou feito delle algũa outra cosa [sic] / trabalhe de a uer. e a faça mostrar ser viuua e sãa. (fl. 16r)

Duarte Gomes nunca chegou a cumprir as determinações do doutor João de Melo, já que se pôs imediatamente em fuga, embarcando com a família para Antuérpia, onde aportou nos primeiros meses de 1543, depois de ter feito escala em Bilbao e em Inglaterra. Em meados de Dezembro de 1542, Duarte Gomes já se não encontrava em Lisboa, tal como evidenciam as várias diligências ordenadas pelo tribunal, sem sucesso, para intimar o réu ausente. O tribunal determina, sem perda de tempo, que se proceda ao embargo dos bens que estavam nas casas de Duarte Gomes, os quais serão objecto de avaliação mais tarde³⁸. Ficaram como depositários e fia-

³⁸ Para uma análise da reconstituição da casa de Duarte Gomes na Rua Nova dos Mercadores, feita a partir do inventário dos seus bens mandado fazer pelo Tribunal do Santo





ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

dores da fazenda do réu os mercadores Gonçalo Fernandes, pai de Duarte Gomes, e António Rodrigues.

A estratégia de Duarte Gomes passou por assumir a sua defesa no estrangeiro, a partir de Antuérpia, através dos familiares que tinham ficado em Portugal. Assim, Tomás Gomes, irmão do réu, apresenta-se no tribunal, em Lisboa, como representante legal de Duarte Gomes, com uma procuração (apensa ao processo) que lhe concede amplos poderes de representação. O próprio Duarte Gomes, por meio de uma procuração enviada de Antuérpia para Lisboa, no Verão de 1543 (apensa ao processo), dá-se por citado e volta a constituir Tomás Gomes como seu procurador, afirmando não ter culpas “por la desobediencia que dizen que Cometio en no presentar ante ellos vna esclava que le fue mandado presentar”. A autenticidade deste documento notarial foi confirmada por várias testemunhas, entre as quais se encontra o conhecido mercador Lucas Giraldi, que prestou o seu testemunho, no próprio Convento de São Domingos, perante o inquisidor Jorge de Santiago.

En el nombre de Dios amen Sepan quantos esta carta *publica* vieren que en el año del nacimiyento de *nuestro* Señor Jesu Christo de mil y quinyentos y quarenta y tres años a los veynte y tres dias del mes de Agosto / Compa-
reciendo en presençia de my Notario y escrivano publico por el consejo de su *Magestad* en la Corte de Brabante aprobado y de los testigos de yuso escritos / el señor liçençiado Duarte Gomez Residente en esta Villa d'Enberes / dixo que a su notiçia vino que los muy Reverendos señores ofiçiales del Santo Ofiçio de la Inquisiçion en la ciudad de Lisboa [querian] proçeder contra el por la desobediencia que dizen que Cometio en no presentar ante ellos vna esclava que le fue mandado presentar y que le queren mandar çitar para se defender de la *dicha* desobediencia / E por quanto el *dicho* liçençiado Duarte Gomez espera mostrar que no tiene culpa ny fue desobediente E por

Ofiçio de Lisboa, com particular destaque para a relevância dos cinquenta e oito livros apreendidos ao humanista português, veja-se, neste mesmo volume, o estudo de H. M. CRESPO, “O processo da Inquisição de Lisboa contra Duarte Gomes *alias* Salomão Usque: móveis, têxteis e livros na reconstituição da casa de um humanista (1542-1544). *Em torno da guarda-roupa, livraria e mantearia do rei?*”





A SENHORA E OS DESTINOS DA NAÇÃO PORTUGUESA: O CAMINHO DE AMATO LUSTIANO E...

excusar las despesas de la çitacion / el se da por Citado para el dicho caso / E haze e constituye su procurador Thomas Gomez su hermano morador en dicha Lisboa / Con poder de sostituyr vno o mas procurado[[r]]s en su lugar para en nonbre del dicho señor constituyente y por el aleguar su Justicia y apelar y agraviar / E generalmente en lo dicho hazer dezir y procura[[r]] todo lo que el dicho señor constituyente podria hazer / prometiendo el dicho señor constituyente en manos de my notario y escrivano publico de yuso escrito / de aver y tene[[r]] siempre por bueno firme y valedero todo lo que por el dicho procurador y sus sustitutos en lo que dicho es fuere hecho (fl. 11r)

O depoimento que a “escrava preta cativa” de Duarte Gomes prestou não renunciava um desfecho favorável. No entanto, no dia 10 de Julho de 1544, o réu ausente acaba por ser condenado apenas, pela desobediência cometida, a pagar 50 cruzados para obras pias, ficando desobrigados os depositários e fiadores da sua fazenda, de acordo com a sentença lavrada pelo canonista João de Melo, “porquãoto se avya por bem e serviço de Noso Senhor que se nom falase majs Nesta”.

Aos dez dias do mes de Julho de mil quinbentos e quarenta e quatro Annos em Lixboa o senhor doutor Joam de Melo Jmquisydor ouue por bem que visto A calydade das Culpas deste R□ o Duarte Gomez e como era Ausente que polla desobediência que cometeo pagase Çincoenta Cruzados pera obras pias / E que avya por desobrigados os fiadores e deposytareos que tinham esta fazenda porquãoto se avya por bem e serviço de Noso Senhor que se nom falase majs Nesta com pagar ha dita Contia dos ditos cinquenta Cruzados pera obras pias como dito he E que nom fose sem nenhũu tempo demandado por As culpas sobre que este Auto se fez visto A calydade dellas E que a fazenda se posa entregar Ao procurador do dito Duarte Gomez lyuremente e os deposytareos ficam desobrigados d’oje pera sempre da dita fianca (fl. 37v)

Curiosamente, um ano antes do interrogatório de Duarte Gomes, no mês de Novembro de 1541, o bacharel Duarte Pinel, *alias* Abraão Usque, é também levado a depor, perante o mesmo doutor João de Melo, depois de ter sido detido, na sua própria casa, juntamente com uma prima da sua mulher que estava prestes a





ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

abandonar o país³⁹. Antes de ter partido igualmente para Antuérpia, o Bacharel dava lições de Latim a jovens, tendo publicado, ainda em Lisboa, um compêndio de gramática latina, em 1543⁴⁰.

Duarte Gomes é acolhido nos primeiros meses de 1543, em Antuérpia, em casa do seu irmão Guilherme Fernandes e do seu primo Diogo de Camargo, ambos membros do Consórcio da Pimenta, liderado por Diogo Mendes, que viria a falecer pouco depois, no Verão de 1543. É significativo que Diogo Mendes tenha determinado, no seu testamento, que a administração da Casa seria entregue à sua cunhada, Beatriz de Luna, a qual seria assistida nessa missão, após a sua morte, pelo sobrinho João Micas e por Guilherme Fernandes⁴¹. O recém-chegado Duarte Gomes passa a estar ao serviço da Casa Mendes-Benveniste, à semelhança do que já fazia o seu irmão Guilherme Fernandes, desde 1525, quando começou a trabalhar para Francisco Mendes, ainda em Lisboa⁴².

Pouco depois da chegada de Duarte Gomes a Antuérpia, João Fernandes, o seu sogro, que havia permanecido em Lisboa, à frente de uma das mais reputadas livrarias da imponente Rua Nova dos Mercadores, acabou por ser também processado e preso por ordem do Tribunal do Santo Ofício de Lisboa. Elvira Nunes, a esposa do mercador livreiro, apressa-se a fugir para Antuérpia na companhia de uma jovem criada, que os inquisidores pretendiam interrogar a todo o custo. Elvira Nunes seguiu uma estratégia semelhante à que Duarte Gomes adoptara pouco antes, e enviou de Antuérpia um documento notarial, apenso ao processo do marido, dando fé de

³⁹ Cf. H. P. SALOMON, “O que tem de judaico a *Menina e Moça?*”: *Cadernos de Estudos Sefarditas* 4 (2004), pp. 193-198; 221-223. Este investigador teve o mérito de apresentar a análise e transcrição parcial deste importante documento, que fornece indicações preciosas sobre as actividades desenvolvidas, ainda em Lisboa, por Duarte Pinel.

⁴⁰ *Eduardi Pinelli Lusitani Latinae Grammaticae Compendia. Eiusdem tractatus de Calēdis. Prima editio*. Vlissipone, apud Ludouicum Rhotorigium Typographum, 1543.

⁴¹ H. P. SALOMON-A. DI LEONE LEONI, “Mendes, Benveniste, De Luna, Nasci...”, *op. cit.*, p. 152.

⁴² A. DI LEONE LEONI, *The Hebrew Portuguese Nations...*, *op. cit.*, p. 93.





que ordenara à jovem criada que regressasse a Portugal, mas que esta lhe não obedecera. Não surpreende, portanto, que Duarte Gomes seja uma das testemunhas deste acto notarial lavrado no dia 16 de Julho de 1544⁴³.

Tanto Duarte Pinel, *alias* Abraão Usque, como Samuel Usque passaram também por Antuérpia, na década de quarenta, antes de se terem dirigido para terras italianas. O autor das *Consolação às Tribulações de Israel* ainda chegou a estar ao serviço de Diogo Mendes, em Antuérpia, mas, depois da morte deste, passou a trabalhar para Brianda de Luna, a irmã de Beatriz de Luna⁴⁴.

Um a um, no espaço de uma década, abandonam Portugal e rumam a Antuérpia, com as respectivas famílias, quase todos os membros do grupo de eleição que havia estudado Artes e Medicina na Universidade de Salamanca: Amato Lusitano (1534), Diogo Pires (1535), Duarte Gomes (1542), Manuel Reinel (1544), Luís Nunes de Santarém (1544).

⁴³ DGARQ/ANTT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, Processo 17659 (o documento referido encontra-se nos fls. 41r-42v). João Fernandes é um dos mais antigos mercadores livreiros de Lisboa, havendo registos da sua actividade desde 1530, quando patrocinou a segunda edição do *Tratado da Prática d'Arismética* de Gaspar Nicolás. Foi precisamente na livraria de João Fernandes que se deu a alteração entre o humanista Fernando Oliveira e o livreiro João de Borgonha, no momento em que aquele estava à porta da livraria a folhear “huũ liuro que se chama ha esfera” (*Tratado da Sphera*) de Pedro Nunes, o que lhe havia de valer um processo inquisitorial (1547-1551), na sequência do qual foi preso e sentenciado em auto-da-fé, em Setembro de 1548 (DGARQ/ANTT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Lisboa, Processo 12099). Até termos conhecimento do feito-crime instaurado a João Fernandes, causou-nos uma certa estranheza por que razão este livreiro nunca foi chamado a depor no feito-crime de Fernando Oliveira, embora seja referido amiúde por várias testemunhas. Em representação da livraria, comparece sempre Francisco Fernandes, “que tem carrego da casa de Joham fernandez”, decerto um familiar do sogro de Duarte Gomes, porque nesta ocasião, no final de 1547, João Fernandes tinha acabado de abandonar Portugal. Veja-se a transcrição integral do feito-crime de Fernando Oliveira publicada por H. L. DE MENDONÇA, *O Padre Fernando Oliveira e a sua Obra Náutica*. Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1898, pp. 99-128.

⁴⁴ M. T. GUERRINI, “New Documents on Samuel Usque, the Author of the *Consolaçam as tribulaçoens de Israel*”: *Sejarad* 61, fasc. 1 (2001), pp. 83-89.





ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

* * *

A comunidade judaico-portuguesa estabelecida em Antuérpia assiste a uma progressiva degradação da sua segurança e liberdade ao longo da década de trinta, sob a pressão das constantes iniciativas tuteladas pela regente Maria de Hungria e pelo seu irmão, Carlos V. No final da década de trinta, ganha forma e acentua-se cada vez mais um largo movimento de transferência de pessoas e capitais para terras italianas. Veneza, Ferrara e Ancona são os três destinos prioritários tanto da comunidade judaico-portuguesa, que já estava estabelecida em Antuérpia, como também dos compatriotas que continuavam em grande número a desembarcar nas margens do Escalda, provenientes de Portugal. Foram vários os estados italianos que diligenciaram no sentido de procurar atrair para os seus territórios, por meio da concessão de privilégios, garantias e isenções, a comunidade judaico-portuguesa estabelecida em Antuérpia.

Os Pires-Cohen transferem-se para Ferrara na viragem da década de 30 para 40, seduzidos pela generosa, mas não desinteressada oferta de Hércules II⁴⁵. Mestre Dionísio e Henrique Pires representam a própria Nação Portuguesa nas negociações com o Duque de Ferrara, com quem os Pires estabelecem mais tarde uma sociedade comercial⁴⁶. Amato Lusitano segue os passos da sua família e troca Antuérpia por Ferrara, onde se instala no Verão de

⁴⁵ Sobre a transferência da família Pires-Cohen de Antuérpia para Ferrara, cf. A. M. L. ANDRADE, *O Cato Minor de Diogo Pires...*, *op. cit.*, pp. 83-97. Recentemente, procedeu-se a uma revisão deste capítulo, dando particular atenção, no âmbito da família, à figura de Amato Lusitano: A. M. L. ANDRADE, “De Antuérpia a Ferrara: o caminho de Amato Lusitano e da sua família”: *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao séc. XXI – Cadernos de Cultura* 25 (2011), pp. 5-16.

⁴⁶ Cf. A. DI LEONE LEONI, *La Nazione Ebraica Spagnola e Portoghese di Ferrara (1492-1559)*, *op. cit.*, pp. 85-87 e 664-665, documento 132 (Carta do Doutor Dionísio ao Duque – Antuérpia, Abril de 1539) e documento 133 (Carta de Gerolamo Maretta ao Duque – Antuérpia, 22 de Abril de 1539).





1540. Pouco depois, no ano lectivo de 1541-1542, ingressa como docente de *medicina teorica* no prestigiado Estudo de Ferrara⁴⁷. Foi, muito provavelmente, graças à intervenção de Amato Lusitano que o seu colega e amigo Antonio Musa Brasavola chegou à fala com Beatriz de Luna, a qual se prontificou a mandar vir expressamente da Índia, através dos seus agentes, uma planta raríssima referenciada por Dioscórides, de cuja existência se duvidava⁴⁸.

Os Mendes-Benveniste, ao longo da década de quarenta, foram abandonando a cidade de Antuérpia e estabeleceram-se sobretudo em Veneza e Ferrara, antes de partirem para Constantinopla. Beatriz e Brianda de Luna abandonam Antuérpia por volta de meados de 1545, rumo a Veneza. Duarte Gomes permanece uns anos mais na praça do Escalda como feitor de Beatriz de Luna, que o vai encarregar de tratar da venda da mansão de Antuérpia, acautelando eventuais dificuldades que Brianda de Luna, a irmã desavinda por causa das partilhas, poderia causar à boa conclusão do negócio⁴⁹.

À semelhança da estratégia posta em prática pelo Duque de Ferrara no final da década de 30, Cosme I, grão-duque de Toscana, procurou também atrair, de forma selectiva, alguns dos mais destacados membros da comunidade judaico-portuguesa, sediados tanto em Antuérpia como em Portugal. É significativo que Cosme I tenha decidido conceder salvos-condutos às duas irmãs, Beatriz e Brianda de Luna, e ao próprio Amato Lusitano. Entre o final de Fevereiro e o começo de Março de 1549, foi também atribuído um salvo-conduto a Fernando Mendes e a Tomás Gomes, que o podia estender

⁴⁷ Cf. A. FRANCESCHINI (1970), “Nuovi documenti relativi ai docenti dello Studio di Ferrara nel sec. XVII”: *Atti e Memorie della Deputazione Provinciale Ferrarese di Storia Patria, Serie Monumenti*, 6 (1970), pp. 44 e 236.

⁴⁸ Cf. A. A. BROOKS, *op. cit.*, pp. 271-2.

⁴⁹ R. SEGRE, “La formazione di una comunità marrana: i portoghesi a Ferrara”: CORRADO VIVANTI (a cura), *Storia d'Italia. Gli Ebrei in Italia. I. Dall'alto Medioevo all'età dei ghetti*. Annali 11. Torino, Giulio Einaudi, 1996, pp. 825-6; A. A. BROOKS, *op. cit.*, pp. 255-6.





ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

ao seu irmão Duarte Gomes⁵⁰. A chegada dos dois irmãos, Duarte e Tomás Gomes à Península Itálica ocorreu nos últimos anos da década de quarenta.

Tomás Gomes abandonou Portugal em 1547, tal como o já mencionado livreiro João Fernandes, sogro de Duarte Gomes. De facto, no dia 22 de Março de 1547, o papa Paulo III requer aos monarcas D. João III, Carlos V e Francisco I que permitam o livre trânsito de um grupo de cristãos-novos portugueses, onde se inclui Tomás Gomes, na viagem de Portugal para Roma⁵¹. Neste mesmo ano, temos notícia da presença de Tomás Gomes em Veneza, actuando na qualidade de feitor dos Mendes-Benveniste. Ferrante Gonzaga mandou apreender alguns valores em trânsito de Lião para Milão, pertencentes a mercadores florentinos, o que fez com que Cosme I desse instruções a Severo Buontempi para interceder junto do Governador de Milão no sentido de solucionar o problema da retenção dos correios e dos valores que eles estavam incumbidos de entregar. Pretendia, assim, dar garantias de que o dinheiro pertencia a mercadores florentinos, procurando desfazer a forte suspeita de que uma parte era de Tomás Gomes. Nesse sen-

⁵⁰ Cf. L. FRATTARELLI FISCHER, “Cristiani nuovi e nuovi ebrei in Toscana fra Cinque e Seicento. Legittimazioni e percorsi individuali”: P. C. IOLY ZORATTINI (a cura di), *L'identità dissimulata. Giudaizzanti iberici nell'Europa Cristiana dell'età moderna*. Firenze, Leo S. Olschki, 2000, p. 103. Os salvos-condutos passados a Tomás Gomes e aos seus familiares foram publicados por J. N. NOVOA [“Documents Regarding the Settlement of Portuguese New Christians in Tuscany. Part 1: The Safeconducts of Pedro de Salamanca, Fernando Mendez, Antonio Lopez and Thomas Gomez”]: *Hispania Judaica Bulletin* 5 (2007), pp. 269-70], que voltou a dedicar a sua atenção ao tema, relacionando a concessão destes privilégios por parte de Cosme de Médicis com a acção dos procuradores, ou agentes, dos cristãos-novos portugueses em Roma, num trabalho publicado neste mesmo volume dos *Cadernos de Estudos Sefarditas*, sob o título “I procuratori dei cristiani nuovi a Roma e i retroscena dei privilegi di Cosimo de Medici di 1549”. Estamos gratos ao nosso colega James Nelson Novoa pela colaboração prestada, nomeadamente por nos ter facultado o seu trabalho.

⁵¹ S. SIMONSOHN, *The Apostolic See and the Jews*, Documents: 1546-1555. Toronto, Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 1990, pp. 2573-4, doc. n.º 2677.





tido, argumenta que o mercador português não era marrano “et che negotia publicamente in Venetia per li heredi di Francesco et Diego Mendez”:

Il terzo corriere fu spedito da e' Panciaticchi di Lione, con ordine, che consegnassi e' denari in Milano a messer Erasmo d'Adda, o in Venetia a Tomaso Gomez. Tutti questi corrieri sono stati ritenuti a Milano sotto pretesto che fussero denari che andassino a' luterani, et in spetie quelli de Panciaticchi furno ritenuti et si ritengano, per quanto si dice, sotto pretesto, che siano denari di Tomaso Gomez, al quale erano indirizzati, che / c. 197v / è reputato marrano et per tal cagione pare che il fisco pretenda che appartenghino a lui.

Et perché la verità è che tutti questi denari sono di detti nostri mercanti fiorentini, et a loro spectano et appartengano, et in ogni caso intendiamo che il Gomez non è marrano, et che negotia publicamente in Venetia per li heredi di Francesco et Diego Mendez; et se bene decti Mendez in passato sono stati in qualche contumacia con la maestà cesarea, certo è però che hanno di poi accordato le cose lor, et noi sopra di tal accordo haviamo fatti relaxare, in virtù di lettere della predetta maestà, alcuni sequestri fatti in questa città di denari et robbe loro [...].⁵²

Não seria, evidentemente, a primeira nem a última vez que Ferrante Gonzaga havia de ter notícias dos Mendes-Benveniste. Na verdade, nos meses que antecederam a partida de Dona Grácia Naci de Veneza para Constantinopla, a actividade diplomática redobrou a sua intensidade na cidade dos doges, tendo como pano de fundo a disputa sem tréguas entre Beatriz e Brianda de Luna, as duas irmãs desavindas, cujos ecos chegaram rapidamente às cortes europeias. O humanista Girolamo Muzio, embaixador em Veneza de Ferrante Gonzaga, é testemunha destes acontecimentos e envia um

⁵² Archivio di Stato di Firenze, *Mediceo del Principato*, f. 2634, P. I, fls. 197r-198v. Cf. A. CONTINI-P. VULPINI (a cura di), *Istruzioni agli ambasciatori e inviati medicei in Spagna e nell'Italia spagnola (1536-1648)*. Roma, Ministero per i beni e le attività culturali – Direzione generale per gli archivi, 2007, pp. 106-109, doc. n.º 16 – “Instructione a voi Severo Buon'tempo di quanto havete a negoziare in nostro nome con lo illustrissimo signor Ferrando Gonzaga” (1547).





ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

relato muito interessante ao Governador de Milão, em carta⁵³ datada de 28 de Novembro de 1551:

Infin dalla mia venuta qui in Vinegia ci è uno Ambasciadore del Turco, del quale varie cose si sono ragionate perchè egli ci sia. Ma la occasione della sua venuta è stata questa. Qui ci è una donna Marana, che ha facultà di milioni d'oro; et ha una figliuola, la qual qui si dice che il Re de' Romani la vorrebbe per uno de' suoi figliuoli. Et il Turco ad istanza di un suo medico hebreo ha mandato a domandare questa giovine, col fare intendere che ella è moglie di un figliuolo del detto suo medico. Et la madre vi consente, et aggiunge che, se bene la figlia è stata fatta cristiana, ciò è stato contra sua volontà. Et per haver favorevole espeditione, quella donna fa offerte di cinquanta et di cento mila scudi alla volta. Questi Signori hanno voluto licentiar lo Ambasciadore, et lo hanno mandato a vestire et ad appresentare di mille cecchini. Et egli, subornato dalla donna che debbia rispondere che ha commissione dal suo Signore di non partirsi senza la giovane, ha rimandato il tutto indietro. Di che la Signoria gli ha mandato a levar la spesa, facendogli intendere che del tutto ne daranno notizia ao S.^r Turco. Là onde egli si è accordato di ripigliare i presenti, et di doversene andare.

Tanto ci è da nuovo in questa città, che io abbia inteso. Alla Ecc.^a V. bacio humilmente le mani.

Di Vinegia a' XXVIII. di novembre del MDLI.⁵⁴

Negociações muito intensas e difíceis entre Beatriz e Brianda de Luna, envolvendo directamente as autoridades venezianas e turcas, marcaram este período verdadeiramente crucial para os destinos da

⁵³ Tanto quanto pudemos apurar, este documento não foi utilizado até ao presente pelos biógrafos de Dona Grácia ou de Joseph Naci.

⁵⁴ Esta missiva encontra-se num códice do Archivio di Stato di Parma, *Epistolario scelto*, a partir de onde foi editada por Amadio Ronchini, *Lettere di Girolamo Muzio Giustinopolitano conservate nell' Archivio Governativo di Parma*. Parma, A spese della R. Deputazione di Storia Patria, 1864, pp. 189-190 (doc. CXXI). Tivemos oportunidade de consultar uma cópia existente na Biblioteca Estense Universitaria – Modena, Ms. α.s.1.34, fls. 247v-248r: carta de Girolamo Muzio a Ferrante Gonzaga (23/11/1551), cuja descrição é a seguinte: FERRANTE GONZAGA, *Lettere scritte a diverse letterati del suo tempo, con altre lettere di varij letterati ad esso scritte*. T. I-III (α.s.1.34-36).





Casa Mendes-Benveniste⁵⁵. Por fim, em Julho de 1552, alcançou-se um amplo acordo entre as duas partes, conforme ficou registado pelo notário Paolo Leoncini. Girolamo Muzio revela ser um homem muito bem informado pelo relato objectivo que faz da evolução dos acontecimentos, coincidente, aliás, com as notícias fornecidas por outros embaixadores, como Ludovico Becadelli, representante papal em Veneza⁵⁶.

No Verão de 1552, Beatriz de Luna abandona a Sereníssima e parte definitivamente para Constantinopla, onde viria a adoptar o nome de Grácia Naci. Para trás, deixava os antigos agentes comerciais, a quem reconfirmou a qualidade de seus procuradores legais. Duarte Gomes e Agostinho Henriques eram os dois homens a quem passava a caber, a partir de então, a gestão dos negócios dos Mendes-Benveniste, em Veneza e Ferrara. Acompanharam Dona Grácia na longa viagem para Constantinopla dois dos irmãos de Duarte Gomes⁵⁷, ou seja, Guilherme Fernandes e Tomás Gomes, também eles, desde há muito, feitores da maior confiança da Casa Mendes-Benveniste. Estamos convictos, aliás, de que o próprio Alonso Núñez de Reinoso também prosseguiu viagem de Veneza para Constantinopla na comitiva de Dona Grácia, juntamente com Tomás Gomes, o seu antigo companheiro de andanças e desventuras.

Nos primeiros anos da década de cinquenta, Duarte Gomes

⁵⁵ Para uma análise pormenorizada do contencioso entre as duas irmãs, em particular nos meses que precederam a partida de Dona Grácia de Veneza para Constantinopla, cf. P. GRUNEBaum-BALLIN, *op. cit.*, pp. 45-51; A. A. BROOKS, *op. cit.*, pp. 281-296; A. DI LEONE LEONI, *La Nazione Ebraica Spagnola e Portoghese di Ferrara (1492-1559)*, *op. cit.*, pp. 364-373.

⁵⁶ Cf. A. A. BROOKS, *op. cit.*, pp. 284-6.

⁵⁷ Cf. P. C. IOLY ZORATTINI, *Processi 1548-1560*, vol. I, *op. cit.*, p. 230. Duarte Gomes declarou no seu processo de 1555, no Tribunal do Santo Ofício de Veneza, que os seus três irmãos estavam a viver em Constantinopla: “Domandato se lui ha fratelli e sorelle et quanti et dove et de che religion, rēpose: Ho tre fratelli et quando li cognobi et conversavo con lori eran christiani et uno havea nome Gulielmo, l’altro Thomaso et l’altro Vicenzo. Hora tutti tre sono in Constantinopoli, per quel che intendo, fati hebrei et non ho sorelle.”





ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

viveu entre Veneza e Ferrara, acabando por se estabelecer em permanência na Sereníssima com os seus três filhos mais velhos⁵⁸. O cristão-novo Luís Franco, natural de Aveiro, que tinha regressado a Portugal, vindo de Ferrara, não só reafirma que Duarte Gomes havia casado com uma filha do livreiro João Fernandes, mas também apresenta uma descrição pormenorizada dos descendentes do “físiquo natural de Lixboa”. Através das suas declarações, prestadas no Tribunal do Santo Ofício de Lisboa, no dia 10 de Setembro de 1574, conhecem-se os nomes dos quatro filhos de Duarte Gomes: Gonçalo Fernandes, Guilherme Fernandes, Pedro Gomes e João Gomes, *alias* Samuel Zaboca. Sabe-se, também, que uma das quatro filhas de Duarte Gomes se converteu ao cristianismo e estava casada com um “criado” do Duque de Ferrara, o que vem confirmar as excelentes relações de que Duarte Gomes sempre desfrutou nos círculos mais restritos da corte estense⁵⁹.

Poucos anos depois, em 26 de Março de 1555, tinha início o primeiro processo instaurado a Duarte Gomes no Santo Ofício de Veneza por marranismo⁶⁰. Não obstante haver alguns factos por esclarecer que davam força à acusação, Duarte Gomes acaba por ser absolvido, no dia 10 de Setembro desse mesmo ano. Das buscas à casa onde vivia, na sequência de uma denúncia feita por um jesuíta português (“magister Simon”), resultou a apreensão de treze livros proibidos, que dão uma imagem da vasta cultura de Duarte Gomes⁶¹. Trata-se, precisamente, do mesmo Padre Mestre Simão

⁵⁸ Sobre o período da permanência de Dona Grácia e da sua comitiva em Ferrara, antes de ter regressado a Veneza no Outono de 1551, cf. A. DI LEONE LEONI, *La Nazione Ebraica Spagnola e Portoghese di Ferrara (1492-1559)*, *op. cit.*, pp. 357-402.

⁵⁹ DGARQ/ANTI, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquirição de Lisboa, Liv. 56, fls. 302v-306v – “denúnciação contra certos judeus de ferrara”.

⁶⁰ Cf. P. C. IOLY ZORATTINI, *Processi 1548-1560*, vol. I, *op. cit.*, pp. 225-247.

⁶¹ Eis a descrição dos livros apreendidos a Duarte Gomes, tal como consta no seu processo (cf. P. C. IOLY ZORATTINI, *Processi 1548-1560*, vol. I, *op. cit.*, pp. 233-4): “*Catalogus omnium preceptorum legis mosaice cum alio opuscolo in lingua hebraea Sebastiani Munsteris;*





Rodrigues, cujas denúncias foram também peças fundamentais da acusação no processo inquisitorial que conduziu Damião de Góis à prisão quase no fim dos seus dias ⁶².

Foi comprovada, documentalmente, uma intervenção da Porta Sublime, em meados de Agosto de 1555, que solicita às autoridades venezianas a suspensão do processo movido pela Inquisição contra Duarte Gomes e Agostinho Henriques, os dois feitores de Dona Grácia ⁶³. Compreende-se, assim, por que razão a acção contra os dois mercadores foi interrompida sem terem sido sentenciados. De facto, Dona Grácia fez advertir os Venezianos de que, em resposta a um tratamento favorável da parte da Sereníssima para com os seus dois agentes, esta seria recompensada com um fornecimento abundante de trigo. A intervenção pronta da Senhora, como era conhecida entre os judeus portugueses, contribuiu decisivamente para que os seus dois feitores se vissem livres do referido processo sem conseqüências de maior.

Duarte Gomes estava, decerto, ao corrente da iniciativa de Dona Grácia pois solicita ao tribunal, no dia 15 de Julho, um adiamento da sua audição, *quod est impedictus diversis negotiis*. O tribunal acede estranhamente ao pedido do mercador português, que promete uma caução de 2000 ducados com a garantia do nobre floren-

Retratti delle historie del Testamento Vecchio in lingua hispana; Enchiridion o manual de doctrina christiana in lingua hispana; *Enchiridion militis christiani* de Erasmo; *Enchiridion storie sacre Biblię fratris Ioannis Fabris*; Summa de tutte le cose de mondo in lingua hispana; *De anima* comentarius Philippi Melantonis; Sebastianus Mu[n]sterus vel *Messias Christianorum et Iudeorum*; *De orbis terre concordia libri quattuor*; scripta duo adversaria Martini Luteri; libro in lingua hebraea in <quarto> folio in toleta; libro in lingua francese in bergamina scritto a pena; *Biblia* Sebastiani Castelioni.”

⁶² D GARQ/ANTI, *Tribunal do Santo Officio*, Inquisição de Lisboa, Processo 17170, fls. 3r-11v. Estamos gratos ao nosso amigo Dr. Arlindo Correia por nos ter feito notar esta não despicienda coincidência.

⁶³ G. ZAVAN, *Gli ebrei, i marrani e la figura di Salomon Usque*. Treviso, Santi Quaranta, 2004, pp. 84-5.





ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

tino e mercador veneziano Luca de Albicis, em caso de não comparecimento na data marcada.

Este episódio comprova o papel destacado de Dona Grácia Naci e, em geral, dos mercadores portugueses estabelecidos no Levante que, em meados de Quinhentos, procederam à reabertura das antigas rotas comerciais com a Índia, abastecendo a Sereníssima de especiarias e de outros produtos.

Nos anos seguintes, Duarte Gomes continua em Veneza a representar, com grande dedicação e lealdade, os interesses de Dona Grácia Naci e do sobrinho, Joseph Naci, que estavam estabelecidos em Constantinopla. É o próprio Joseph Naci que encarrega Duarte Gomes de se dirigir pessoalmente a Paris, em 1564, a fim de fazer prova de uma antiga dívida de Carlos IX, rei de França⁶⁴. O Duque de Naxos entendia que Duarte Gomes reunia as condições necessárias para assumir esta missão delicada, que acabou, todavia, por não ser coroada de sucesso.

Em 1568, um ano depois da publicação da primeira tradução castelhana do *Canzoniere* de Petrarca, na sequência de uma denúncia anónima, o Santo Ofício de Veneza volta a instaurar um outro processo a Duarte Gomes e a Agostinho Henriques. Uma vez mais, nem um nem outro foram condenados, já que o processo não prosseguiu até ao fim, acabando de forma abrupta e obscura sem a emissão de qualquer veredicto⁶⁵.

O feitor de confiança de Beatriz de Luna não era apenas um óptimo gestor, um homem de decisão rápida e de grande visão, enfim, um mercador consagrado e respeitado. Além de reunir na sua pessoa todas estas qualidades, já por si assinaláveis, era também um indivíduo com uma cultura vastíssima, com múltiplas e distintas actividades, tanto práticas quanto intelectuais, com um gosto

⁶⁴ Cf. P. GRUNEBaum-BALLIN, *op. cit.*, pp. 99-117.

⁶⁵ Cf. P. C. IOLY ZORATTINI, *Processi (1561-1570)*, vol. II, *op. cit.*, pp. 67-96: processo contra Agostinho Henriques e Duarte Gomes (1568).





acentuado pela literatura, sobretudo pela poesia. Trata-se, de facto, de uma figura ímpar, que se move com enorme à-vontade no meio político, financeiro, cultural e literário de Veneza e de Ferrara de meados de Quinhentos⁶⁶.

Duarte Gomes é um elemento destacado de um círculo literário veneziano bastante activo desde meados de Quinhentos, o qual integra vários nomes de homens dedicados às letras tão conhecidos como os de Lodovico Dolce, Ortensio Lando, Girolamo Ruscelli, Alonso Núñez de Reinoso ou Alfonso de Ulloa. As obras destes autores estão repletas de referências cruzadas que nos permitem verificar a existência de relações literárias intensas e profícuas entre si, como se depreende, por exemplo, das várias referências elogiosas que fazem expressamente uns aos outros, da troca de poemas entre os membros do grupo, das dedicatórias com que abrem as suas obras, das relações privilegiadas com o célebre impressor veneziano Gabriel Giolito de Ferrari, que dá à estampa várias das suas obras, ou ainda no tratamento privilegiado concedido a determinados autores, temas e géneros literários⁶⁷.

O humanista português, autor de vários poemas, funciona como uma espécie de elo de ligação privilegiado entre os vários elementos do grupo e a presença tutelar e mecénica dos Mendes-Benveniste, personificada nas figuras de Beatriz de Luna e de João Micas, a quem vários elementos do círculo literário veneziano enaltecem por meio de dedicatórias ou de referências laudatórias nas suas obras. Tomás Gomes também pertencia, de alguma forma, ao círculo literário veneziano, do qual o seu irmão era figura

⁶⁶ Para uma análise pormenorizada da acção de Duarte Gomes, tanto em Veneza como em Ferrara, no âmbito literário, cultural, diplomático, financeiro e comercial, cf. A. M. L. ANDRADE, “Os Senhores do Desterro de Portugal...”, *op. cit.*, pp. 65-108.

⁶⁷ Cf. CONSTANCE HUBBARD ROSE, *Alonso Núñez de Reinoso: the Lament of a Sixteenth-Century Exile*. Rutherford, Fairleigh Dickinson University Press, 1971, pp. 44-60; A. A. BROOKS, *op. cit.*, pp. 261-273; G. ZAVAN, *Gli ebrei, i marrani e la figura di Salomon Usque*, *op. cit.*, pp. 79-94; A. M. L. ANDRADE, “Os Senhores do Desterro de Portugal...”, *op. cit.*, pp. 74-93.





ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

destacada, porquanto é autor de um longo poema, em língua castelhana, dirigido a Alonso Núñez de Reinoso⁶⁸. Alonso Núñez de Reinoso, como é sabido, dedica a João Micas a sua novela *La historia de los amores de Clareo y Florisea y de la sin ventura Isea*, publicada em 1552, nos prelos de Gabriel Giolito de Ferrari. No mesmo ano, este impressor dá também à estampa uma obra de Ortensio Lando com duas dedicatórias dirigidas aos sobrinhos de Dona Grácia Naci, ou seja, a João e a Bernardo Micas. O mesmo Ortensio Lando dedica também uma outra obra a Dona Beatriz de Luna, a qual contém uma carta laudatória do seu amigo Girolamo Ruscelli, com a data de 27 de Abril de 1552, endereçada também *Alla molto illustre et honoratissima S. la S. D. Beatrice de Luna*. Da mesma forma, entre as *Lettere* de Lucrezia Gonzaga, há uma carta, datada de 12 de Maio, dirigida a João Micas. As *Lettere* funcionam, por certo, como parte de um elaborado jogo literário e, como já foi notado, são essenciais para ajudar a compreender as relações entre Lando, os Mendes-Benveniste e Núñez de Reinoso.

Os elementos do círculo literário tinham, por certo, a consciência perfeita de que Duarte Gomes era uma figura invulgar em múltiplos aspectos, pelo que não se estranha que Lodovico Dolce, Girolamo Ruscelli ou Alfonso Ulloa, em várias obras, tenham rasgadíssimos elogios às qualidades humanas, à vasta cultura e talento do poeta lusitano.

Convém observar, não o podemos esquecer, que o estabelecimento de uma relação próxima com um dos principais fatores de Beatriz de Luna podia constituir para alguns destes escritores um passo decisivo no sentido de obter o alto patrocínio da própria família Mendes-Benveniste.

No entanto, Duarte Gomes não era apenas um simples agente comercial da inteira confiança de Dona Grácia Naci, de quem era também médico particular. Beatriz de Luna e João Micas, tal como

⁶⁸ Cf. A. M. L. ANDRADE, “Os Senhores do Desterro de Portugal...”, *op. cit.*, pp. 90-1.





os restantes membros da Nação Portuguesa, conheciam forçosamente os méritos de Duarte Gomes enquanto humanista consagrado. Duarte Gomes estava bastante próximo de Beatriz de Luna e de João Micas, que o respeitariam tanto pelas suas reconhecidas aptidões para a administração dos negócios como também por ser um verdadeiro homem da cultura e das letras.

Por isso, estamos em crer que Duarte Gomes desempenhou um papel de relevo na orientação dada à actividade mecenática dos Mendes-Benveniste. Não nos parece muito verosímil que Beatriz de Luna ou João Micas patrocinassem a publicação da obra de um determinado autor ou favorecessem mesmo um género literário em particular, sem que ouvissem antes a opinião credenciada do mercador-poeta Duarte Gomes.

A partir dos testemunhos fundamentais de Amato Lusitano⁶⁹ e de Girolamo Ruscelli⁷⁰, que aludem nas suas obras ao talento de Duarte Gomes como tradutor de Petrarca, são cada vez mais os estudiosos que tendem a identificar Duarte Gomes com Salomon Usque Hebreu/Salusque Lusitano, o autor da tradução castelhana da primeira parte do *Canzoniere* de Petrarca, saída a lume, em Veneza, em 1567, nos prelos de Gabriel Giolito de Ferrari⁷¹.

⁶⁹ AMATO LUSITANO, *Curatationum medicinalium Amati Lusitani medici physici praestantissimi centuriae duae, quinta videlicet ac sexta* [...]. Venetiis, ex officina Valgrisiana, 1560: *Centuria V, Curatio XIX*.

⁷⁰ G. RUSCELLI, *Del modo di comporre in versi nella lingua italiana* [...]. Venetia, appresso Gio. Battista Sessa et Melchior Sessa Fratelli, 1558, fl. aVr-v.

⁷¹ *De los Sonetos, Canciones, Mandriales y Sextinas del gran Poeta y Orador Francisco Petrarca, traduzidos de Toscano por Salusque Lusitano [Salomon Usque Hebreu]. Parte primera. Con breves Sumarios, ò Argumentos en todos los Sonetos y Canciones que declaran la intencion del autor. Compuestos por el mismo. Con dos Tablas, una Castellana y la otra Toscana y Castellana. Con privilegios*. En Venecia. En casa de Nicolao Beuilaqua, MDLXVII.

A tradução castelhana de Salomon Usque/Salusque Lusitano acaba de ser editada criticamente por Jordi CANALS, *De los sonetos, canciones, mandriales y sextinas del grande poeta y orador Francisco Petrarca, traduzidos de toscano por Salomón Usque* (Venecia: 1567). Estudio preliminar y edición crítica de Jordi Canals. Trento, Università degli Studi di Trento – Dipartimento di Studi Letterari, Linguistici e Filologici, 2009. Este investigador, porém, continua a dar crédito à antiga tese de C. ROTH [“Salusque Lusitano”, an Essay in Disen-





ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

Contudo, a actividade mecenática dos Mendes-Benveniste não se restringia apenas ao círculo veneziano, pois também se fazia sentir, em simultâneo, sobre as actividades e as publicações do grupo de Ferrara, centrado em redor da tipografia de Duarte Pinel ou Abraão Usque, de cujos prelos saiu, como é sabido, a primeira edição da *História de Menina e Moça* (1554) de Bernardim Ribeiro⁷². O exemplo mais paradigmático deste patrocínio está materializado na dedicatória a Beatriz de Luna, gravada na obra-prima saída dos prelos de Abraão Usque e Jerónimo Vargas – a extraordinária *Bíblia de Ferrara* (1553). Um segundo exemplo também bastante significativo é o da *Consolação às Tribulações de Israel* (1553) dedicada por Samuel Usque “A illustrissima Senhora Dona Gracia Nasci”, que o autor considera ser o esteio da Nação Portuguesa.

É fácil de ver que se albergam sob a protecção e o patrocínio

tanglement”: *The Jewish Quarterly Review*, n.s., 34 (1943-1944), pp 65-85] de que Salomon Usque/Salusque Lusitano e Duarte Gomes são pessoas distintas. H. P. SALOMON [*Deux études portugaises * Two Portuguese studies*. Braga, Barbosa & Xavier, 1991, pp. 63-66] foi um dos primeiros a discordar frontalmente da tese de Roth, mais tarde rebatida em grande parte por G. ZAVAN, *Gli ebrei, i marrani e la figura di Salomon Usque*, op. cit., pp. 67-78. Nós próprios temos vindo a apresentar argumentos sólidos a favor da identificação de Duarte Gomes como autor da referida tradução (cf. os nossos trabalhos acima referidos na nota n.º 6). Muito recentemente, A. di LEONE LEONI, *La Nazione Ebraica Spagnola e Portoghese di Ferrara (1492-1559)*, op. cit, p. 391, veio também defender, de forma inequívoca, que “Duarte e Salomon Usque fossero la stessa identica persona”.

Curiosamente, a segunda tradução para castelhano do *Canzoniere* de Petrarca ficou a dever-se a Henrique Garcês, um outro cristão-novo português, natural do Porto (que também traduziu para a mesma língua *Os Lusíadas* de Camões): *Los Sonetos y Canciones del poeta Francisco Petrarca, que traduzia Henrique Garcês de lengua thoscana en castellana*. En Madrid, impreso en casa de Drouy impresor de libros. Año de 1591.

⁷² Sobre a discussão da muito provável ligação de Bernardim Ribeiro a círculos judaicos, cf. H. MACEDO, *Do Significado Oculto da Menina e Moça*. Lisboa, Moraes, 1977; E. ASENSIO, “Bernardim Ribeiro y los problemas de *Menina e Moça*”: *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XIII (1978), pp. 41-62; JOSÉ VITORINO DE PINA MARTINS, “Estudo introdutório: Bernardim Ribeiro – O Homem e a Obra”: BERNARDIM RIBEIRO, *História de Menina e Moça*. Reprodução facsimilada da edição de Ferrara, 1554. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002; H. P. SALOMON, “O que tem de judaico a *Menina e Moça*?”: *Cadernos de Estudos Sefarditas* 4 (2004), pp. 185-223.





dos Mendes-Benveniste tanto os membros do círculo de Veneza como os de Ferrara. Duarte Gomes é uma figura-chave no grupo de Veneza e mantém, em simultâneo, contactos estreitos e frequentes com os elementos do grupo de Ferrara. A comparação da actividade literária e editorial dos dois grupos retrata na perfeição uma das realidades mais complexas da criação literária portuguesa do século XVI – o bilinguismo português-castelhano, que extravasou as fronteiras de Portugal na companhia de algumas das suas mais ilustres figuras⁷³.

No mesmo ano em que foram publicadas a *Bíblia* e a *Consolação* (1553), mas desta feita na cidade de Veneza, veio a lume o segundo livro de comentários de Amato Lusitano ao tratado grego *De materia medica* de Dioscórides. Haviam passado cerca de dezassete anos desde a publicação atribulada do primeiro esboço desta obra, o *Index Dioscoridis*, em Antuérpia, pouco depois da chegada do jovem Mestre João Rodrigues, ao serviço do tio, ao porto do Escalda. O estudo e a valiosa experiência entretanto adquiridos no decurso da sua vida, muito particularmente no exercício das funções de mercador, médico e de professor no Estudo de Ferrara, concederam ao humanista Amato Lusitano condições excepcionais para a produção de uma obra da maturidade⁷⁴.

Ao longo dos anos, Amato Lusitano frequentou a casa dos Mendes-Benveniste, nomeadamente de Diogo Mendes e de Dona

⁷³ Cf. A. M. L. ANDRADE, “Os Senhores do Desterro de Portugal...”, *op. cit.*, pp. 94-100.

⁷⁴ Aproveitamos o ensejo para descrever, resumidamente, os objectivos do projecto de investigação “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Pretende apresentar-se a edição e tradução dos dois livros que Amato Lusitano dedicou ao comentário do tratado grego *De materia medica libri quinque* de Dioscórides, ou seja, o *Index Dioscoridis* (Antuérpia, 1536) e as *In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros quinque...enarrationes* (Veneza, 1553). Além disso, está prevista a tradução de mais duas obras directamente correlacionadas com os livros do humanista português: a montante, a do próprio tratado grego de Dioscórides sobre a matéria médica; a jusante, a do livro sugestivamente intitulado *Apologia aduersus Amathum Lusitanum* (Veneza, 1558) da autoria do humanista Pietro Andrea Mattioli.





ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

Grácia Naci, tanto na qualidade de médico como de amigo e companheiro de longa data. Os comentários latinos que dedicou ao tratado grego dão conta, pelo menos em duas ocasiões, de como este convívio com Diogo Mendes e Beatriz de Luna contribuiu directamente para o enriquecimento da sua obra. Assim, logo à chegada a Antuérpia, afirma ter visto, no próprio jardim de Diogo Mendes, um espécime de *lactuca sylvestris*, em data necessariamente anterior a 1536, em que foi publicada esta indicação no seu *Index Dioscoridis*⁷⁵. Mais tarde, no segundo livro de comentários, dá notícia de que Beatriz de Luna, estando a viver em Veneza, adquiriu por cento e trinta ducados de ouro um magnífico bezoar que pertencera a um vice-rei da Índia, discorrendo largamente sobre a origem e as propriedades medicinais destas concreções⁷⁶.

No entanto, a manifestação mais profunda e genuína da muita estima e dedicação que Amato Lusitano sentia tanto por Dona Grácia e por Joseph Naci como por todos os membros da Nação Portuguesa, encontram-na bem espelhada nas últimas palavras da carta dirigida a Joseph Naci⁷⁷, que serve de prefácio à *Quinta Cen-*

⁷⁵ AMATO LUSITANO, *Index Dioscoridis, op. cit.*, fl. 45v., Lib. II, Philologia 82. Cf. M. LEMOS, “Amato Lusitano. Correções e aditamentos”: *Revista da Universidade de Coimbra* 10 (1927), p. 7.

⁷⁶ AMATO LUSITANO, IN DIOSCORIDIS | ANAZARBEI DE MEDICA | MATERIA LIBROS QVINQVE | ENARRATIONES ERVDITISSIMAE | DOCTORIS AMATI LVSITANI MEDICI | AC PHILOSOPHI CELEBERRIMI, | quibus non solum Officinarum Seplasia- | riis, sed bonarum etiam literarum stu- | diosis utilitas adfer- | tur, quum pas- | sim simplicia Graece, Latine, | Italice, Hispanice, Germa- | nice, & Gal- | lice pro- | ponantur. | *Cum Priuilegio Illustriss. Senatus Veneti ad decennium.* | VENETIIS. M D LIII. | [*Venetijs apud Gualterum Scotum* | M.D.LIII.]. Cf. Lib. II, en. 39: *De cervi masculi genitale*, pp. 186-188.

⁷⁷ Como bem notou H. FRIEDENWALD [“Amatus Lusitanus”: *Bulletin of the Institute of the History of Medicine* 5, n.º 7 (1937), p. 623, nota 46], há uma interessante diferença no que respeita à *Quinta Centúria*, porquanto apenas as edições vindas a lume a partir de 1564, não publicadas em Veneza, ostentam esta carta endereçada a Joseph Naci. As anteriores edições venezianas, pelo contrário, abrem de forma diferente com uma carta do famoso médico e filósofo Giovanni Marinelli dirigida a Henrique Nunes.





túria (Salonica, nas Calendas de Dezembro do Ano da Criação do Mundo de 5320):

Interea uero munusculum hoc nostrum hilari fronte suscipe, quod si tibi gratum esse intellexero: maiora melioraque in dies aggrediendi animum adicies. Vale et secundum tomum harum Curationum in dies exspecta, nosti enim uel ex Eutropio Historico Romano a me in linguam Hispanicam uerso et tibi dicato, animum meum: quantum laboris sit fugientissimus et tui illustrissimaeque Diuae Gratiae ac uniuersae gentis nostrae amantissimus⁷⁸.

Entretanto, aceita este nosso pequeno presente com alegre semblante. Se vir que foi do teu agrado, dar-me-ás coragem para empreender em breve maiores e melhores obras. Passa bem e aguarda pelo segundo tomo destas Curas dentro de algum tempo, pois tu conheces bem, pela História Romana de Eutrópio por mim vertida em língua hispânica e a ti dedicada, o meu carácter: como é muito avesso ao trabalho e muito dedicado a ti e à ilustríssima Dona Grácia e a toda a nossa gente.

A questão religiosa esteve na origem da saída de Amato de Portugal, esteve novamente relacionada com o processo que lhe foi movido no Tribunal de Antuérpia, pouco depois de aí ter aportado, e voltou a pesar bastante na decisão de deixar Antuérpia na companhia da família, partindo para terras italianas no final da década de 30. De Ferrara, passou anos mais tarde ao estado pontifício de Ancona, onde se viu obrigado a escapar apressadamente à acção determinada dos comissários do papa Paulo IV, perdendo na fuga para Pesaro grande parte dos seus bens móveis e imóveis⁷⁹.

⁷⁸ AMATO LUSITANO, *Curationum medicinalium, Centuriae duae, quinta et sexta*. Lugduni, apud Gulielmum Rouillium, 1564, pp. 6-7. Seguimos, com algumas alterações, a tradução das *Centúrias de Curas Mediciniais*, vol. III. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Médicas, s/d, p. 160, da autoria de Firmino CRESPO, a quem se deve, aliás, a tradução integral desta obra notável do médico albicastrense, acabada de reeditar, em 2011, por iniciativa da Ordem dos Médicos.

⁷⁹ Deve-se a Renata SEGRE [“Nuovi documenti sui Marrani d’Ancona (1555-1559)”: *Michael IX* (1985), pp. 160-226] a descoberta e a apresentação de quase cinquenta inventários de bens e mercadorias apreendidos aos cristãos-novos portugueses, entre 2 de Agosto e 9 de





ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

E o próprio Amato Lusitano que, na carta introdutória da *Quinta Centúria*, dirigida a Joseph Naci, relata como perdeu a totalidade dos seus haveres na fuga para Pesaro. Conseguiu reaver o manuscrito da *Quinta Centúria*, graças ao conselho avisado do amigo Abraão Catalão, mas não logrou recuperar os seus comentários a Avicena. A perda maior, porém, foi a de familiares bastante chegados e de amigos com quem há muito privava. Com efeito, entre as quase três dezenas de judeus portugueses martirizados nos tristemente célebres autos-da-fé de Ancona, de 1556, encontra-se o próprio mercador Henrique Pires⁸⁰. Amato Lusitano perdia assim, em circunstâncias trágicas, o seu próprio tio, naquele que foi, sem dúvida alguma, um golpe bastante profundo para toda a comunidade judaico-portuguesa⁸¹.

Durante o período em que decorreram os processos no estado papal, houve intensos contactos diplomáticos entre Roma, Ancona e Constantinopla. Não obstante as múltiplas e intensas pressões exercidas sobre Paulo IV, este não permitiu a libertação dos prisioneiros. A comunidade sefardita estabelecida no Império Otomano obteve o apoio de Solimão, o Magnífico, que se envolveu, a título pessoal, nas difíceis negociações com a Cúria romana. Dona Grácia Naci e o sobrinho, Joseph Naci, não regatearam esforços para tentar salvar os seus compatriotas da morte cruel que os aguardava, sem que, todavia, as suas diligências tivessem sido coroadas de

Novembro de 1555. Entre os cinquenta e um indivíduos a quem foram apreendidos bens em Ancona, figura o próprio Amato Lusitano (“Die 7 septembris 1555. Inventarium omnium bonorum mobilium doctoris Amati hebrei portugaliensis factum per me Berardinum de Rubeis presentibus d. Bartholomeo Alpheo et Raynaldo Bay^o testibus”, pp. 211-215).

⁸⁰ Sobre os autos-da-fé de Ancona, que tiveram lugar entre Abril e Junho de 1556, em particular sobre a identificação de Henrique Pires com o mártir Yacob Cohen, cf. A. M. L. ANDRADE, *O Cato Minor de Diogo Pires...*, *op. cit.*, pp. 109-114; A. DI LEONE LEONI, *The Hebrew Portuguese Nations...*, *op. cit.*, pp. 100-101.

⁸¹ Para uma análise pormenorizada dos acontecimentos, cf. A. A. BROOKS, *op. cit.*, pp. 335-364; A. DI LEONE LEONI, *La Nazione Ebraica Spagnola e Portoghese di Ferrara (1492-1559)*, *op. cit.*, pp. 487-504.





sucesso. Nem sequer o cristão-novo português Yacob Mosso, agente da própria Dona Grácia Naci, teve um destino diferente dos restantes mártires, malgrado a intervenção pessoal do próprio Sultão⁸².

Mais tarde, Dona Grácia e Joseph Naci estiveram entre aqueles que mais se empenharam em congregar o apoio das principais comunidades sefarditas do Levante e do próprio Sultão de Constantinopla, a fim de boicotar o porto de Ancona, o que veio a acontecer, por um período experimental de oito meses, em Julho de 1556⁸³. Tratava-se de uma medida de retaliação pela crueldade extrema manifestada contra os cristãos-novos portugueses, por meio da qual se pretendia desferir um duro golpe nas finanças do Estado pontifício.

As tribulações de Amato Lusitano não haviam terminado. Depois de ter conseguido escapar de Ancona, já na pequena república de Dubrovnik (conhecida vulgarmente pela sua designação italiana de Ragusa), o médico de Castelo Branco voltava a ser acusado publicamente de ter fugido de Portugal, em razão da sua condição de cristão-novo. Desta vez, porém, a acusação não provinha de um qualquer tribunal, mas antes de Pietro Andrea Mattioli, um dos mais conceituados comentadores e tradutores de Dioscórides na Europa de Quinhentos. Este médico humanista de Siena respondeu às críticas que Amato lhe havia dirigido, anos antes, nos seus comentários a Dioscórides com a tardia publicação da *Apologia*

⁸² Sobre as pressões diplomáticas exercidas sobre o papa Paulo IV, no decorrer do processo inquisitorial, cf. A. TOAFF, “Nuova luce sui Marrani di Ancona (1556)”: TOAFF, Ariel, et alii (ed.), *Studi sull'ebraismo italiano in memoria di Cecil Roth*. Roma, Barulli, 1974, pp. 265-267. No que concerne às reacções à tragédia de Ancona, em particular na cidade de Ferrara, cf. A. DI LOENE LEONI, *La Nazione Ebraica Spagnola e Portoghese di Ferrara (1492-1559)*, *op. cit.*, pp. 505-523.

⁸³ No que respeita ao boicote do porto de Ancona e às suas consequências, cf. A. TOAFF, *op. cit.*, pp. 267-269; A. DI LOENE LEONI, “Alcuni esempi di quotidiana imprenditoria tra Ferrara, Ancona e Venezia nel 16. secolo”: *Zakhor – Rivista di Storia degli Ebrei d'Italia* 4 (2000), pp. 78-84.





ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

aduersus Amathum, em 1558, uma diatribe contra o médico português, onde não se coíbe de o acusar de apostasia e de duplicidade religiosa, ultrapassando em muito a mera polémica científica.

* * *

Amato Lusitano, após os funestos acontecimentos de Ancona, refugia-se em Ragusa, onde acaba por reencontrar o seu primo Diogo Pires, recém-chegado de Constantinopla. O convívio entre ambos manteve-se até à partida de Amato para Salonica, que ocorreu por volta de 1559. Aí viria a falecer, vítima de peste, no ano de 1568, tendo o poeta eborense composto um magnífico epitáfio à memória do seu querido amigo e companheiro de longa data:

EPIÍTAFIO DE AMATO LUSITANO, MÉDICO INCOMPARÁVEL

(Morreu de peste, quase sexagenário, em Salonica, no ano de 1568)

Aquele que tantas vezes retinha a vida fugitiva num corpo doente ou voltava a chamá-la das águas do Letes,

querido, por isso, igualmente dos povos e dos grandes reis, aqui jaz; esta foi a terra que Amato pisou ao morrer.

Portugal o berço, na terra dos Macedónios o sepulcro. Como se encontra longe do solo pátrio a sepultura!

Mas quando o dia supremo e a hora fatal se aproximam, em toda a parte há um caminho em declive para a Estige e para os Manes⁸⁴.

Duarte Gomes morre em data anterior a 1575, depois de ter enfrentado três processos inquisitoriais: um em Lisboa e dois em Veneza. No mês de Setembro desse mesmo ano, o seu filho João Gomes foi, também ele, denunciado na Inquisição de Veneza por ter na sua posse duas ou três caixas repletas de livros *inter quos inventi*

⁸⁴ Este epitáfio foi publicado na colectânea poética de DIOGO PIRES, *Cato Minor sive Disticha Moralia ad Ludimagistros Olyssipponenses* [...]. Venetiis, apud Felicem Valgrisium, 1596, p. 163. Reproduz-se, com a devida vénia, a tradução de Américo da Costa RAMALHO, *Latim Renascentista em Portugal* (antologia). Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos – I.N.I.C., 1985, pp. 216-217.





*sunt multi libri damnatae lectionis*⁸⁵, que havia herdado do pai. Os livros de Duarte Gomes, mesmo depois da sua morte, continuavam a representar uma ameaça bastante real e perigosa para muitos.

A última notícia que temos de Duarte Gomes revela que ele passou a residir em Ferrara e abraçou publicamente o judaísmo. Em 1570, o Duque Afonso II promulga um edital para obrigar os judeus de todas as Nações a usar um sinal distintivo. A comunidade judaico-portuguesa temeu pela continuidade dos privilégios de que beneficiava na cidade do Pó, que acabaram por ser reconfirmados pelo Duque. Entretanto, as autoridades da Nação Portuguesa procuraram obter a isenção da obrigação de envergar o sinal para as figuras mais importantes da comunidade. Para o efeito, elaboraram uma lista com os nomes das personalidades mais destacadas da comunidade: o nome de Duarte Gomes ocupa o segundo lugar deste rol, encabeçado pelo de Aires de Luna, irmão de Dona Grácia⁸⁶.

Dona Grácia Naci terminou os seus dias em 1569, em Constantinopla. A Senhora é, na voz comovida de Samuel Usque, o próprio coração da Nação Portuguesa, ocupando um lugar cimeiro na história da diáspora judaico-portuguesa na Europa de Quinhentos. Entre Lisboa e Constantinopla, os membros da família Mendes-Benveniste-Luna-Naci percorreram uma longa jornada, à semelhança de milhares de outros compatriotas seus que se viram coagidos a abandonar o país que os viu nascer, em busca de segurança, de melhores condições de vida e de liberdade religiosa. Londres, Antuérpia, Veneza, Ferrara, Ancona, Dubrovnik, Salonica e Constantinopla foram as principais cidades por onde transitou esta

⁸⁵ P. C. IOLY ZORATTINI (a cura di), *Processi del S. Uffizio di Venezia contro Ebrei e Giudaizzanti (1571-1580)*. Firenze, Leo S. Olschki Editore, 1985, vol. IV, pp. 81-84: processo contra João Gomes (1575).

⁸⁶ Cf. A. DI LEONE LEONI, "I marrani di Coimbra denunciati al papa dall' Inquisizione portoghese nel 1578. Il loro status giuridico in diversi Stati italiani?": *Zakbor – Rivista di Storia degli Ebrei d'Italia* 2 (1998), pp. 80-2.





ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

comunidade, ora perseguida, ora desejada, num longo e difícil caminho, marcado tanto por alegrias e tristezas, como por êxitos e fracassos.

Os domínios da Porta Sublime constituíam para muitos judeus portugueses a última etapa nesta imensa viagem que atravessava o continente europeu até aos vastos territórios do Império Otomano. Foi esse o caminho de Dona Grácia Naci, mas nem todos o seguiram até ao fim; alguns houve, como Amato Lusitano ou Duarte Gomes, que, por um ou outro motivo, se foram fixando nas várias escalas do percurso. Ao longo deste caminho, que nem todos trilham de igual modo, a Nação Portuguesa constituiu-se sempre como uma comunidade unida e bastante organizada, com uma actividade florescente no plano financeiro, comercial e cultural, sem deixar de manter, inclusivamente, relações estreitas e regulares com os seus compatriotas que haviam permanecido num Portugal cada vez mais distante. Aos judeus portugueses em diáspora, unia-os uma língua, uma cultura, uma religião e um passado comuns.

Das margens do Tejo até às margens do Bósforo, foi percorrido um longo e difícil caminho pela figura fascinante da ilustríssima Senhora Beatriz de Luna ou Grácia Naci, uma mulher de excepção, a quem a Nação Portuguesa tanto ficou a dever e a quem nós prestamos, aqui, a nossa singela e sentida homenagem por ocasião do quinto centenário do seu nascimento.

